

As indústrias macrolíticas das margens do guadiana entre as barragens do alqueva e de pedrógão (Vidigueira).

Novos dados preliminares para um velho problema

Júlio Manuel Pereira e Jorge Manuel Guerreiro Bastos Ferreira
Desenhos de Ana Sofia Palma

Arqueólogos da APIA – Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica

Resumo:

A realização, no Verão de 2005, do acompanhamento arqueológico do restabelecimento da rede viária e dos caminhos vicinais e agrícolas afectados pela albufeira da Barragem de Pedrógão, permitiu aos autores o contacto com alguns sítios onde, no passado, havia sido detectada a presença de indústria macrolítica sobre seixos quartzíticos e a descoberta de diversos outros sítios onde essa indústria estava igualmente presente.

Faz-se aqui uma apresentação sintética das descobertas realizadas em ambas as margens do Rio Guadiana.

provocaram a criação de terraços fluviais nas suas margens e nas dos seus afluentes.

A sul do rio Ardila, estão identificados 4 níveis de terraços cascalhentos, constituídos por seixos de quartzito e quartzo (FEIO et ali; 1945: 56 e 63).

- o Um terraço superior a 80-90 metros;
- o Dois terraços intermédios, respectivamente a 50-60 metros e 25-35 metros;
- o Um terraço inferior de 12-15 metros, que comporta na base 3 a 5 metros de seixos, coberto de 6 a 10 metros de aluvião fina que aqueles autores pensam ter-se depositado durante as cheias actuais.

1. Os terraços do guadiana e seus afluentes

A alternância das fases glaciares e interglaciares, com as respectivas regressões e transgressões marinhas e consequente influência sobre a actividade de transporte dos cursos de água – e, naturalmente, também sobre o Rio Guadiana –

Estes terraços são constituídos predominantemente por seixos rolados de quartzito, pouco consolidados por lhes faltar um cimento argiloso ou ferruginoso a uni-los e estão todos presentes na região em estudo.

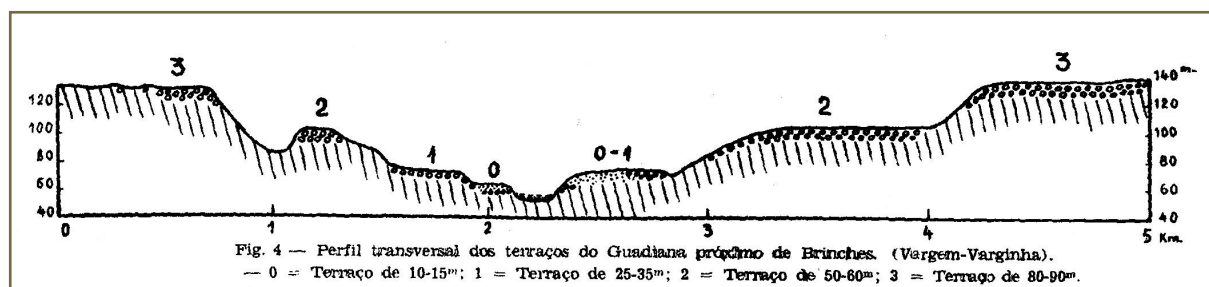


Ilustração 1 – Perfil transversal dos terraços do Guadiana próximo de Brinches (adaptado de FEIO & PATRÍCIO, 1945: 65)

Constituindo esses seixos quartzíticos, matéria-prima indispensável para o fabrico dos artefactos ao longo da pré-história, não será de estranhar que tais terraços, muitas vezes, constituam abundante depósito de material pré-histórico de épocas diversas, compreendendo, nomeadamente, seixos talhados, lascas e outros resíduos de talhe.

2. As indústrias macrolíticas paleolíticas e pós-paleolíticas das margens do guadiana

A recolha e estudo de materiais ditos paleolíticos nas margens do Guadiana ocorreu bem cedo na história da Arqueologia Portuguesa – em 1916 – com as descobertas do Abade Breuil na zona da Estremadura espanhola (BREUIL, 1917) e, logo de seguida, em território português, num terraço do Caia, próximo de Arronches (BREUIL, 1920); posteriormente, Leren Barradas, identifica novas estações de superfície, mais para sul, na confluência do rio Caia com o Guadiana (BARRADAS, 1929;1939).

Contudo, na zona que nos interessa – nas proximidades da actual barragem de Pedrógão, entre esta e a do Alqueva – só no início dos anos 40 é que começaram a ser identificados alguns sítios e recolhidos materiais, graças à acção persistente de um investigador local - José Fragoso de Lima - que prospectou a margem esquerda do Guadiana, nas proximidades de Moura (LIMA, 1943, 1944, 1944a) e também de Abel Viana que retomou nessa ocasião, de uma forma

intensiva, a prospecção das margens do Guadiana (VIANA, 1945a;1946; 1947).

Foi este último investigador quem, nos anos 40, acompanhou os trabalhos de campo do geólogo Mariano Feio, na realização dos primeiros estudos sistemáticos dos terraços do Guadiana (FEIO, 1946), embora restritos ao território a sul do Ardila.

Aqueles investigadores, em Fevereiro de 1944, iniciaram a descida do Guadiana em Val Manantio (alguns quilómetros a montante da confluência do Ardila) e prospectaram-no até à foz.

Foi nessa ocasião que foram referenciados materiais paleolíticos na zona sobre a qual fazemos incidir esta comunicação - na Sobreira de Cima, Sobreira de Baixo, Ínsua da Margem Direita, Insuinha, Ínsua da Margem Esquerda (neste sítio refere também a ocorrência de materiais languedocenses) e Orada.

Pese embora, em datas posteriores, tenham ocorrido na região, ocasionalmente, recolhas de superfície de artefactos líticos, seriam os trabalhos inseridos no âmbito do projecto de minimização do efeitos da construção da barragem do Alqueva e, posteriormente, da barragem de Pedrógão, que viriam a trazer ao conhecimento da comunidade científica inúmeros registos referentes à presença de importantes conjuntos de indústrias sobre seixo quartzítico nos terraços do Guadiana e seus afluentes, alguns dos quais na zona a que nos cingiremos.

Contudo, desde logo se colocou uma dificuldade que ainda

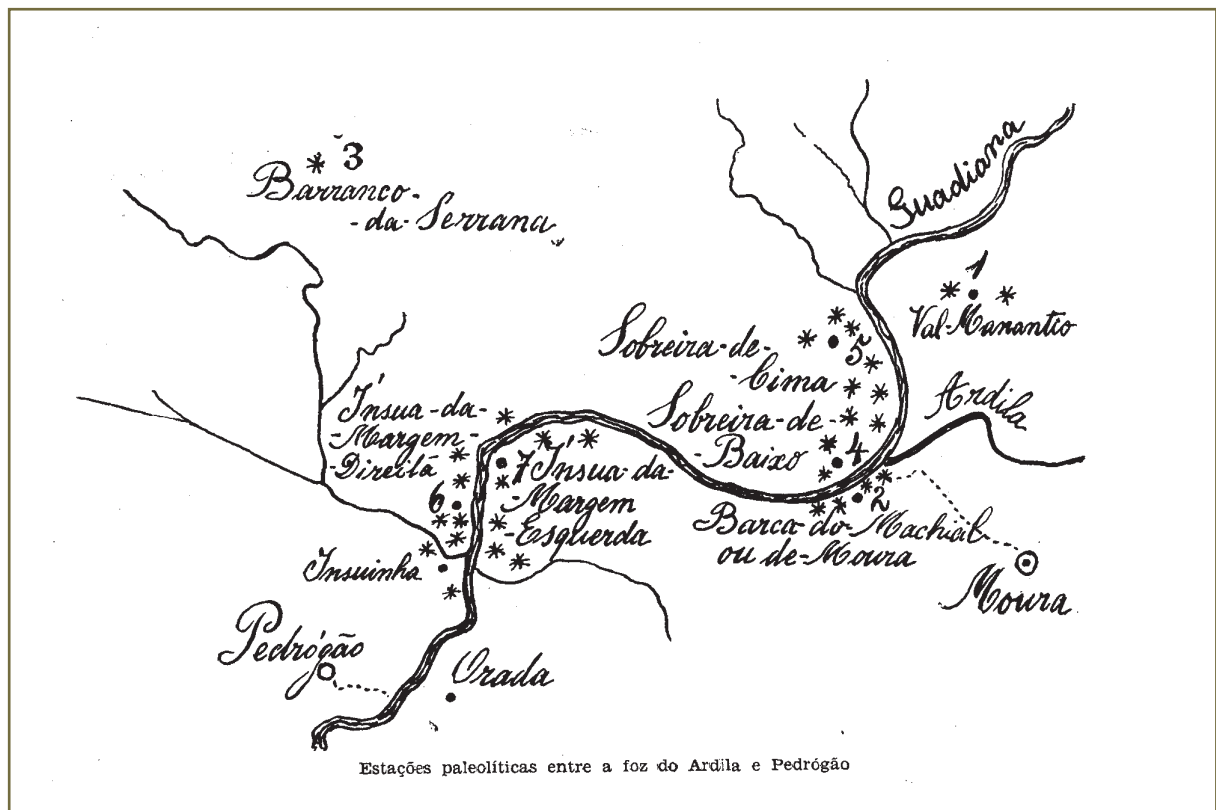


Ilustração 2 – Estações arqueológicas Paleolíticas entre a foz do Ardila e Pedrógão, segundo VIANA; 1945: 357

hoje se mantém, apesar dos progressos feitos, entretanto, que se traduz no facto de a abundância de recolhas de superfície não ter correspondência no número de sítios com interesse estratigráfico. Assim, tem-se mantido o recurso à caracterização tipológica, nem sempre fiável, particularmente em locais em que tais indústrias – como quase sempre acontece na região – aparecem misturadas com indústrias fini ou pós-paleolíticas como são hoje geralmente consideradas as indústrias languedocenses.

Seria nos anos 70 que haveria de surgir um importante contributo crítico para a classificação tipológica tradicional das indústrias de superfície e para a atribuição cronológica das indústrias chamadas languedocenses (JORGE & SERRÃO, 1971); na década de 80 Luís Raposo (RAPOSO, 1989) e António Carlos Silva (RAPOSO & SILVA, 1981;1984), viriam também a dar um contributo decisivo para um debate - ainda não terminado - sobre estas últimas indústrias macrolíticas.

3. Novos sítios, novos materiais

A realização pelos autores, de Agosto a Novembro de 2005, do acompanhamento arqueológico do restabelecimento da rede viária e dos caminhos vicinais e agrícolas afectados pela albufeira da Barragem de Pedrógão, permitiu o contacto com alguns sítios onde, no passado, havia sido detectada a presença de indústria macrolítica sobre seixos quartzíticos (Areiro, Ribeira do Sobroso e Ribeira de Vale de Cervas) e a descoberta de diversos outros sítios onde essa indústria estava igualmente presente, os quais se apresentam aqui, agora, de uma forma sintética.

Essas recolhas de superfície por nós realizadas, compreendendo centenas de exemplares, incluem artefactos de tipologia paleolítica, mas também muitos outros de cronologia mais recente, que se distinguem dos anteriores quer pela análise morfo-tipológica, quer, principalmente, pelas características do talhe e maior frescura das arestas.

3.1. Margem direita do guadiana

3.1.1. Casa Branca

3.1.1.1. Fonte da Ribeira de Marmelar 1 (Desaterro do lado sul)

Nas terras do desaterro que foi efectuado no lado sul da Ponte sobre a Ribeira de Marmelar (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000 - 619400 - 424019

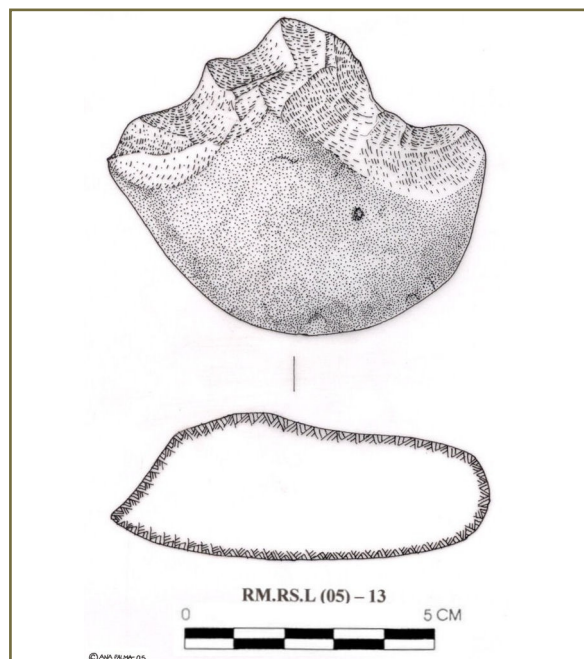


Ilustração 3- Seixo talhado

– cota 83 m)¹ aquando da construção de nova ponte a uma cota mais elevada, foi recolhido um pequeno seixo quartzítico espalmado, truncado apresentando arestas vivas, de tipologia paleolítica.

3.1.1.2. Fonte da Ribeira de Marmelar 2

Também na prospecção de superfície realizada nas imediações da fonte existente junto à ponte, numa pequena depressão próximo da estrada, do lado esquerdo no sentido de Pedrógão- Marmelar (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000 - 29S0619148 - 4223949 –cota 94 m) foi possível recolher:

1. Um artefacto aparentado aos bifaces, com arestas apresentando evidentes sinais de uso, igualmente em seixo quartzítico, talhado unifacialmente através de grandes levantamentos por meio de percutor duro (embora com dois pequenos levantamentos no anverso), muito semelhante a um de Muge, reproduzido por G. Zbyszewski (ZBYSZEWSKI; 1974: 23, fig. 4) e um outro reproduzido pelo mesmo autor e o abade Breuil, proveniente de Vale do Forno - Alpiarça (BREUIL et ali, 1945: 353), ambos atribuídos ao Acheulense Médio. Tem também um paralelo mais próximo num exemplar de Porto da Boga (curso superior do Rio Caia), atribuído ao Acheulense Inferior, devido ao seu grau de rolamento (JORGE et ali:1971; fig. 6). Luís Raposo e António Carlos Silva, porém, têm considerado estes artefactos de talhe unifacial, quando de arestas vivas, como languedocenses, incluindo-

1. A partir daqui, quando nada for dito em contrário, as coordenadas foram obtidas através de um aparelho Carmin Etrex , sistema UTM/UPS, referidas a Datum Europeu de 1979, com referência a norte magnético, com variação 4º Oeste

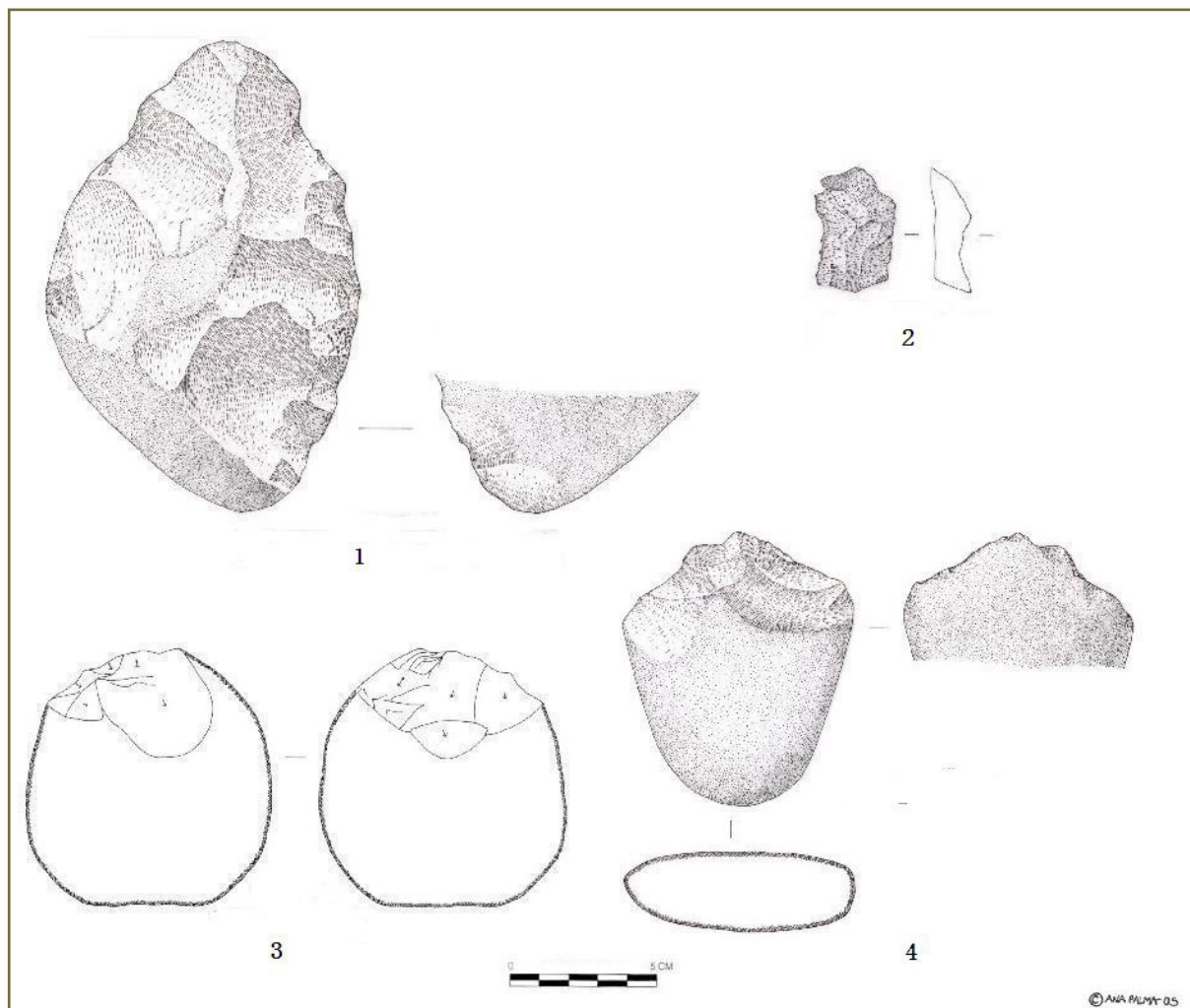


Ilustração 4 – Alguns do material lítico recolhido

as nos “unifaces” ou “bifaces degenerados” (RAPOSO et ali: 1981; fig 15). O que aqui recolhemos tem um comprimento de 15,5 cm, a largura máxima de 10 cm e a espessura máxima de 5,7 cm. Conserva a superfície cortical na face oposta à do talhe e uma porção considerável na parte inferior.

2. Uma lasca lamelar, em quartzito, mantendo a superfície cortical na extremidade proximal;
3. Um seixo quartzítico espesso, possivelmente utilizado como percutor, talhado bifacialmente numa pequena superfície, de forma a obter um gume estreito;
4. Um seixo quartzítico talhado, espalmado, truncado na extremidade mais larga, ostentando arestas vivas;
5. Uma lasca trapezoidal, em quartzito, sem qualquer superfície cortical – possível raspadeira (não representada no desenho).

3.1.1.3. Casa Branca

Igualmente numa zona plana, nas imediações do Monte da Casa Branca (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de

1/25 000 - 29S0618742 – 4224224 – cota 95 m) – recolhemos algum material lítico.

O material recuperado foi o seguinte:

1. Uma lasca subtriangular, não cortical.
2. Um raspador espesso, duplo, côncavo-convexo, obtido por talhe unifacial de um seixo quartzítico oblongo, apresentando sinais de uso;
3. Um seixo quartzítico, talhado em $\frac{3}{4}$ da sua periferia por retoque abrupto;
4. Um seixo quartzítico, truncado por talhe escamoso unifacial, com o gume ligeiramente côncavo e com evidentes sinais de uso, o qual tem um levantamento recente do lado oposto ao gume.

3.1.2. Caminho Vicinal da Insuínha

Este caminho vicinal inicia-se na estrada municipal que segue de Pedrógão para Marmelar, a escassas centenas de metros da sua separação da estrada de Pedrógão para a Vidigueira, muito próximo daquela localidade e desenvolve-

vipasca ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. N.º 2. 2ª série. 2007. p. 16-46

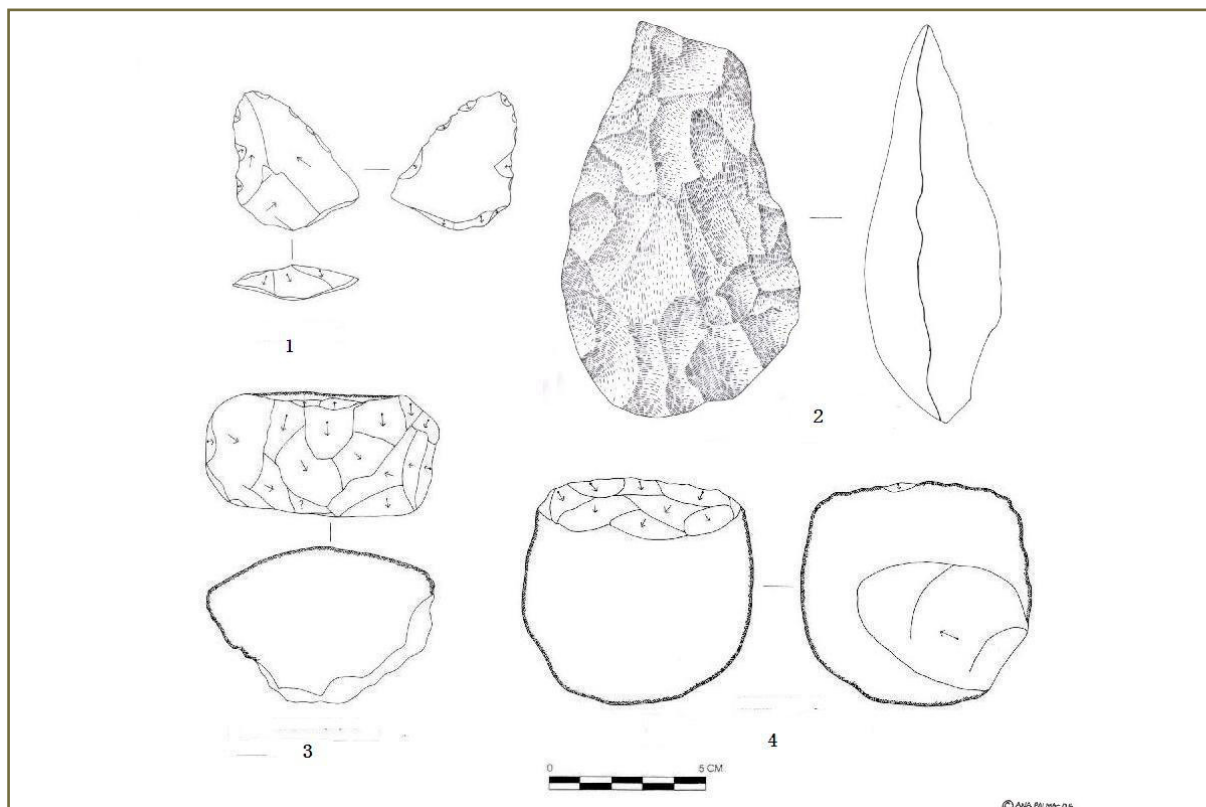


Ilustração 5 –Material lítico recolhido

se numa extensão de vários quilómetros, até à Insuínha. A circunstância de já serem conhecidas algumas jazidas arqueológicas na zona do Areiro – plataforma que este caminho atravessa – levou à realização de um acompanhamento muito cuidadoso e a uma prospeção mais intensa nas imediações do referido caminho.

Na prospeção de superfície, facilitada nalguns pontos pela existência de revolvimentos de terra no âmbito de trabalhos agrícolas, foram recolhidos materiais com interesse arqueológico, de que a seguir se dá nota.

3.1.2.1. Entrada do Caminho Vicinal da Insuínha

No início do caminho, a escassas dezenas de metros da estrada Pedrógão-Marmelar, numa pequena ondulação de terreno, de ambos os lados daquele (carta militar de Portugal, nº 511, na escala de 1/25 000 - 29S0618279 – 4221837 – cota de 158 m.), identificámos uma zona de concentração de lascas e macro-utensílios, a que atribuímos aquela designação, à falta de melhor micro topónimo que o pudesse identificar.

Embora a maior concentração de material arqueológico se verifique do lado sul do caminho vicinal, estende-se também para o lado norte.

O solo, é argiloso, de cor avermelhada, proveniente da desagregação de xistos brandos, mas contendo muitos clastos de quartzo leitoso.

Entre os materiais recolhidos, salientamos:

- o Lasca triangular tipo ponta levallois.
- o Núcleo de grandes dimensões que parece ter começado a ser configurado como uniface mas que, devido a um acidente de talhe passou a ser utilizado como percutor, como o atestam as marcas de percussão num dos lados;
- o Seixo raspador sobre um calhau em forma de leque, trancado através de vários levantamentos no bordo largo do anverso;
- o Seixo-raspadeira, espesso, de talhe periférico, subvertical, trabalhado em mais de metade da periferia, através de diversos níveis de levantamentos;



Ilustração 6 - Ponta tipo levallois

- o Seixo-raspadeira, achatado, de talhe periférico, sub-vertical, trabalhado em mais de metade da periferia, através de diversos níveis de levantamentos;
- o Pequeno seixo extremamente achatado, truncado numa extremidade através de dois levantamentos simétricos e um pequeno levantamento entre ambos;
- o Núcleo discóide sobre calote de seixo;
- o Seixo de quartzo talhado em toda a periferia para a obtenção de lascas, determinando a formação de uma linha sinuosa;

3.1.2.2. Malhada da Gata

Numa pequena elevação situada junto ao caminho vicinal, do lado esquerdo no sentido da Insuínha, a que atribuímos a designação de Malhada da Gata por ser o micro topónimo mais próximo, recolhemos um seixo-raspadeira talhado unifacialmente em quase toda a periferia, com excepção do lado direito, onde tem também três levantamentos na face ventral. As coordenadas deste sítio na carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25000 são: 29S0618557 – 4222002 – cota de 160 m.

3.1.2.3. Areeiro 5

Este locus situa-se a cerca de 300 metros para o interior da vedação da propriedade que compreende a plataforma do Areeiro, de um lado e do outro do caminho, numa zona plana – como, aliás, é toda a plataforma – de terra, avermelhada, silto-argilosa, que embala seixos quartzíticos, muitos dos quais visíveis à superfície devido aos fenómenos erosivos. Aí recolhemos lascas e seixos talhados, em quartzito, um escasso número deles apresentando as arestas erodidas e a maioria com arestas ainda muito vivas, pelo que, por mera facilidade metodológica, sem que isso signifique um regresso a teorias passadas, as designamos, respectivamente, por Série I e Série II.

a) - Série I

Esta série é composta por lascas lamelares, não corticais e lascas parcialmente corticais, núcleos levallois, calhaus truncados (alguns truncados na extremidade mais larga) e seixos-raspadores.

Os artefactos apresentam um destes tipos de talhe:

- o Talhe alterno bifacial, através de levantamentos longos, produzindo gumes sinuosos;
- o Talhe unifacial, não escamoso, não ultrapassando metade da periferia dos seixos, produzindo levantamentos longos (geralmente três), de uma face à outra.
- o Talhe em toda a periferia, tipo levallois, para a obtenção de lascas.

Constitui excepção um artefacto (exemplar 14) que ostenta



Ilustração 7 - Alguns do material recolhido



Ilustração 8 - Seixo talhado recolhido no local

diversos níveis de levantamentos, mas não é de talhe tão abrupto como são geralmente os artefactos languedocenses, mostrando antes os negativos de um talhe oblíquo.

b) – Série II

Nesta série, conforme já referimos, as arestas mostram-se muito frescas. Para além deste factor distintivo, apenas poderemos referir que a amostra contém vários artefactos com talhe unifacial, abrupto e escamoso, ocupando, geralmente, mais de metade da superfície dos seixos.

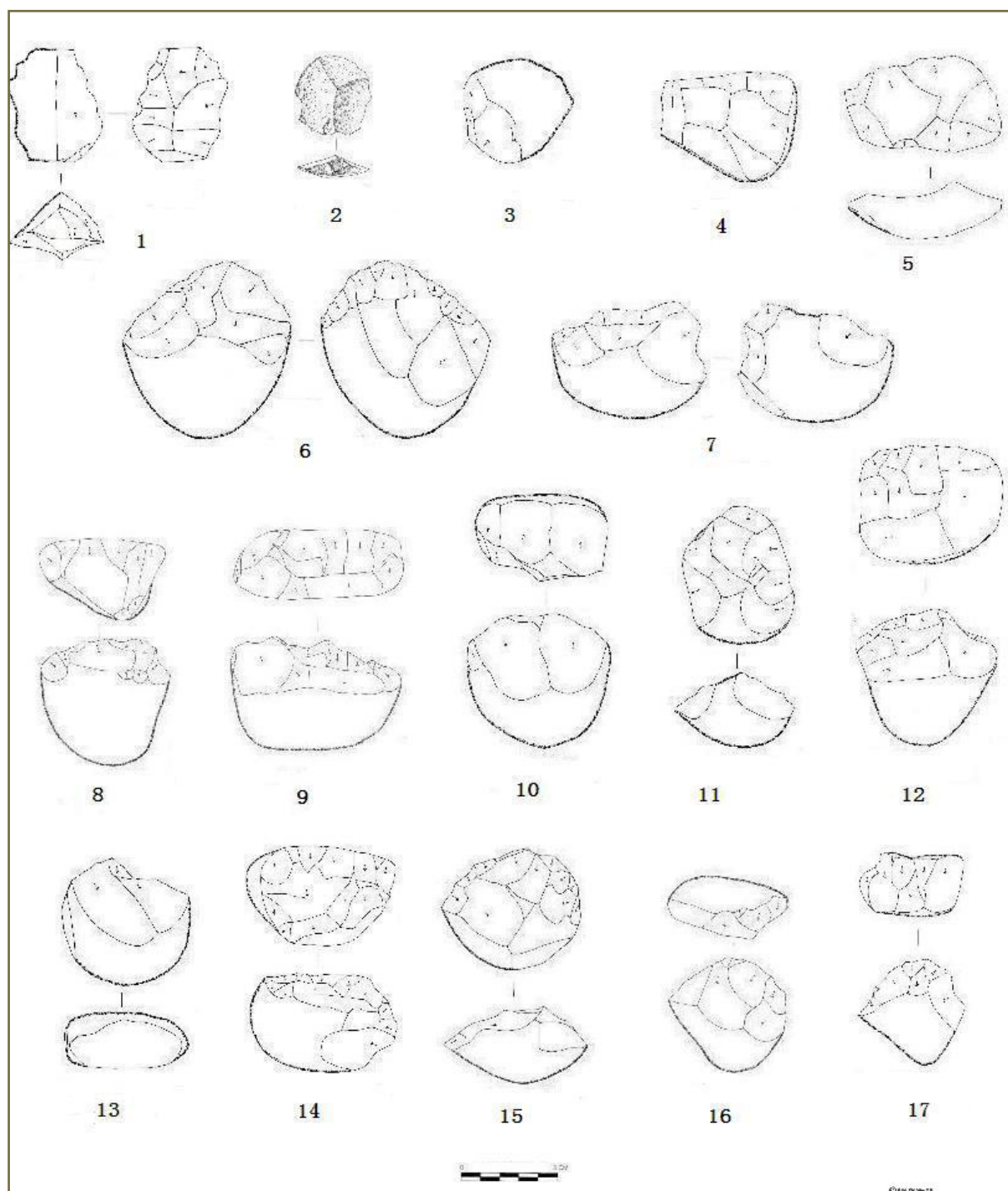


Ilustração 9 – Desenho do material da série I

Apenas um pequeno exemplar apresenta talhe alterno bifacial, determinando um gume extremamente sinuoso, mas, neste caso, também ocupando mais de metade da superfície do seixo. Além disso, numa das faces tem diversos níveis de levantamentos e a oposta apresenta apenas dois levantamentos.

Registe-se igualmente a presença de um raspador circular e de um raspador sobre lasca com sinais de uso.

As coordenadas deste local (Carta Militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/ 25000) são as seguintes: 29S0620252 – 4222354 – cota 130 m.

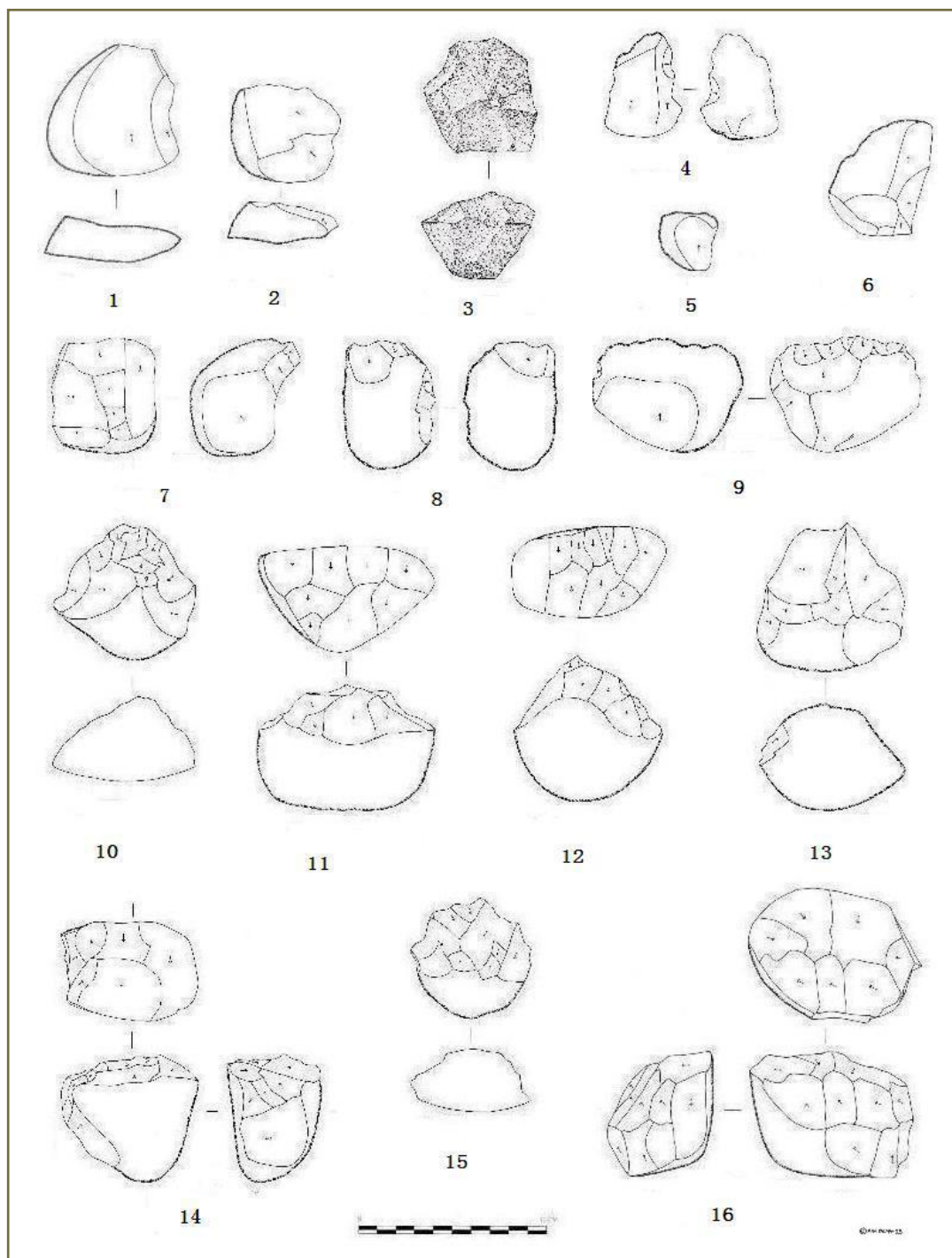


Ilustração 10 – Desenho do material da Série II

3.1.2.1. Areeiro 6

Este locus situa-se a cerca de 150 metros do Areeiro 5, no sentido da Insuinha, de ambos os lados do caminho, imediatamente a seguir a uma pequena depressão. É, igualmente, uma zona plana, de terra avermelhada, fina, que embala os seixos quartzíticos.

Aqui foram recolhidos:

- o Pequeno biface com a ponta fracturada, com as di-

mensões de 80 mm (comprimento), 62 mm (largura máxima) e 39 mm (espessura máxima);

- o Biface assimétrico;
- o Raspador frontal, com arestas vivas;
- o Seixo-raspador com o gume massacrado pela utilização;
- o Percutor com evidentes sinais de utilização;
- o Núcleo apresentando diversos levantamentos para a obtenção de lascas;

- o Seixo-raspadeira de talhe periférico, subvertical, trabalhado em mais de metade da periferia, através de diversos níveis de levantamentos – o único que apresenta arestas frescas;
- o Seixo-raspadeira de talhe escamoso, subvertical, determinando um gume que abarca metade da periferia do seixo;
- o Núcleo tipo levallois, conservando grande parte do córtex na face contrária ao plano de talhe;
- o Duas lascas não corticais
- o Lasca lamelar, apresentando uma pequena fracção do córtex em ambas as extremidades;
- o Duas lascas de descorticação, ostentando parte do córtex

As coordenadas deste sítio na carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25000 são: 29S0620294 – 4222534 – cota 136 m.

3.1.2.5. Areeiro 7

Na parte final da plataforma do Areeiro detectámos mais uma zona de concentração de materiais, de ambos os lados do caminho vicinal, a que demos a designação de Areeiro 7. O terreno não é aqui muito diferente do resto da plataforma, sendo constituído por uma camada silto-argilosa fina, embalando os seixos quartzíticos trazidos à superfície pela erosão. Na superfície desta zona do terraço foram recolhidas diversas lascas (de descorticação e laminares) e artefactos sobre seixo quartzítico, maioritariamente, de tipologia do Paleolítico Inferior, mas incluindo também alguns de talhe languedocense.

De acordo com o estado das arestas é possível distinguir também aqui duas séries:

a) – Série I



Ilustração 11 - Areeiro 6 – Alguns do material recolhido

Nesta série os artefactos são mais diversificados nas suas formas do que na série II e, de uma maneira geral, de maiores dimensões, compreendendo:

- o Pico obtido a partir de um seixo comprido, paralelepédico, de grandes dimensões, através de grandes levantamentos em duas das faces e dois pequenos levantamentos numa terceira;
- o Núcleo levallois, espesso, conservando uma pequena parte do córtex de uma das faces;
- o Seixo talhado bifacialmente, determinando um gume ondulante;
- o Duas lascas conservando parte do córtex;
- o Pequeno núcleo de talhe periférico, conservando parte do córtex numa das faces;

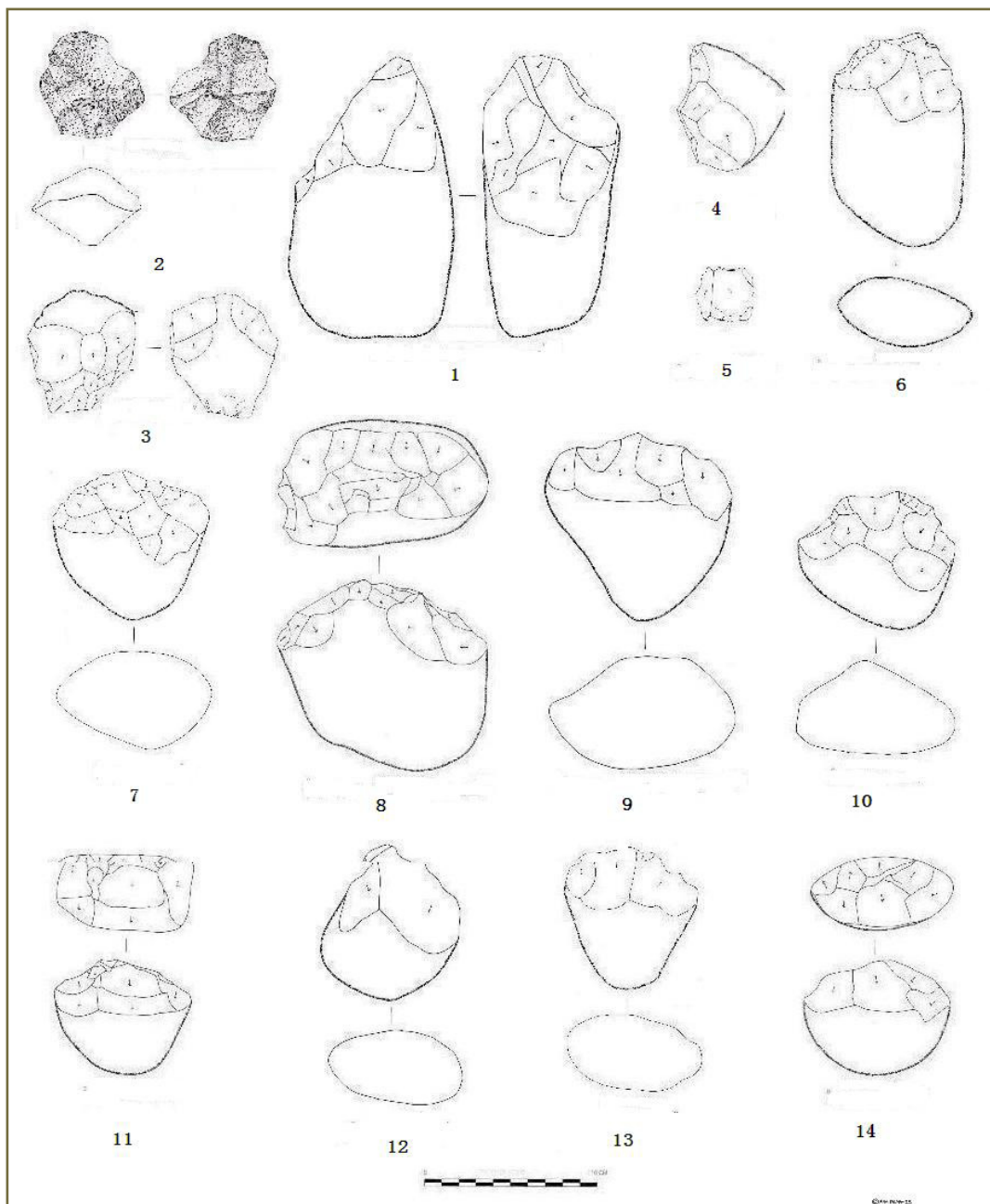


Ilustração 12 – Desenho de materiais da série I

- o Seixo comprido, muito achatado, talhado unifacialmente na extremidade mais estreita, através de um grande levantamento no bordo direito e pequenos levantamentos no bordo oposto, o que lhe confere uma certa dissimetria;
- o Seixo-raspadeira talhado unifacialmente em metade da periferia através de diversos níveis de levantamentos;
- o Enorme seixo, talhado em metade da periferia, possivelmente utilizado como percutor;
- o Seixo raspador sobre um grande calhau em forma de leque, truncado através de vários levantamentos no bordo largo do anverso;
- o Seixo-raspadeira, dissimétrico, talhado em metade da periferia;
- o Dois seixos-raspadeiras, espessos, em que o gume, muito convexo, foi obtido por talhe unifacial em cerca de metade da periferia; num dos casos o gume apresenta nítidos sinais de uso;
- o Seixo achatado talhado unifacialmente numa das extremidades através de um grande levantamento de um lado e um menor do outro, o que confere à extremidade um carácter dissimétrico;
- o Lasca lamelar, sem córtex;
- o Duas lascas conservando parte do córtex.



Ilustração 13 - Vista das duas faces do pico

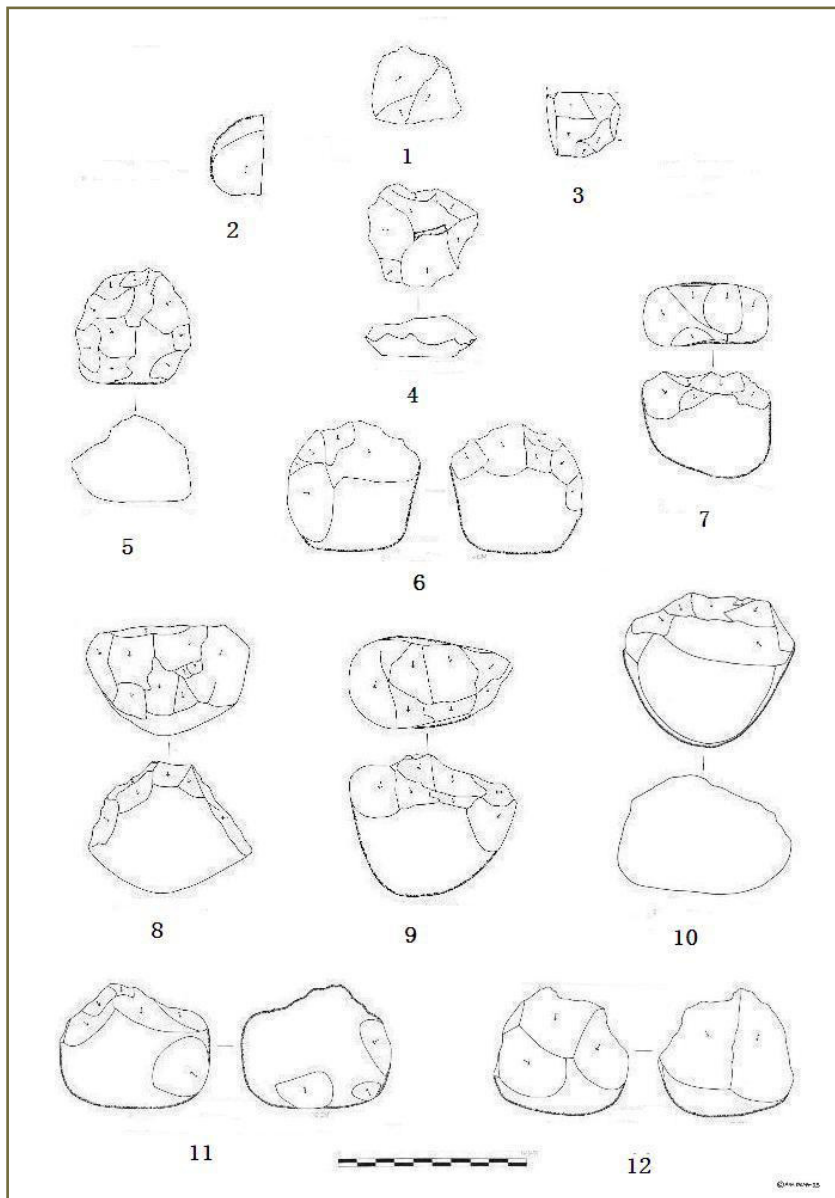


Ilustração 14 - Desenho de materiais da série II

b) – Série II

Este pequeno conjunto apresenta as arestas mais frescas do que o anterior e compreende um pico talhado bifacialmente através de diversos levantamentos numa das faces e de dois levantamentos oblíquos, simétricos, na oposta e ainda:

1. Pequena lasca laminar de quartzo;
2. Lasca de descorticação, ostentando parte do córtex;
3. Núcleo explorado
4. Núcleo levallois conservando apenas uma pequena fracção do córtex
5. Pequeno seixo espesso, unifacial, talhado em quase toda a periferia, restando apenas uma pequena porção do córtex;
6. Seixo de contorno subcircular, talhado bifacialmente em mais de metade da periferia, determinando um

gume ziguezagueante,

7. Seixo achatado, truncado na extremidade mais larga, através de diversos levantamentos no anverso;
8. Seixo-raspadeira, espesso, talhado em mais de metade da periferia por talhe abrupto unifacial;
9. Seixos-raspadeira, espesso, talhado em metade da periferia por talhe unifacial
10. Seixos-raspadeira, espesso, talhado em metade da periferia por talhe unifacial
11. Seixo-raspadeira espalmado, talhado na extremidade mais larga e ostentando três negativos no anverso
12. Seixo pontiagudo, cuja forma foi determinada por dois grandes levantamentos de um lado e três idênticos do lado oposto;
 - o Núcleo discóide, fino, conservando parte considerável do córtex de uma das faces (não representado);
 - o Três lascas parcialmente corticais (não representadas);



Ilustração 15 - Areeiro 7 – Miniatura de uniface

Merece especial referência um pequeníssimo artefacto (5,5 cm de comprimento), de talhe unifacial, simétrico, muito perfeito.

As coordenadas do local (Carta Militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/ 25000) são: 29S0620602 – 4222737 – cota 135 m.

3.1.2.6 Insuínha 3

A zona que designamos por Insuínha 3, situa-se numa plataforma a menor altitude do que o Areeiro, no lado direito do caminho vicinal, no sentido descendente. Porém, alarga-se para o lado oposto, do outro lado da cerca que delimita a propriedade, para um terreno, que constitui um interflúvio.

A seguir a uma zona de afloramento de xistos, verifica-se a transição entre um solo pardacento e um solo avermelhado, ambos argilosos, onde afloram seixos quartzíticos, entre os quais alguns com evidentes sinais de trabalho intencional.

As coordenadas do sítio, (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000), recolhidas no lado direito do caminho, são as seguintes: 29S0621041 – 4222740 – cota 118 metros. Porém, o sítio estende-se até às seguintes coordenadas: 29S0620899 – 4222832 – cota 121 metros.

O pequeno conjunto recolhido – 12 peças – é composto em partes iguais por artefactos e por lascas e compreende:

- o Quatro lascas de descorticação, conservando a superfície cortical em quase todo o contorno (1 a 4);

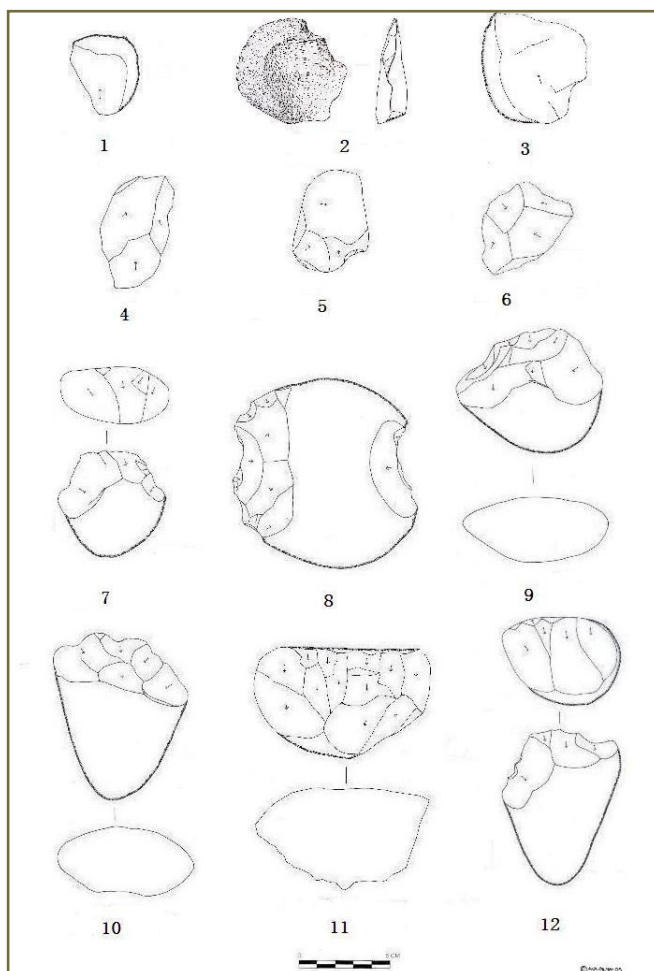


Ilustração 16 – Desenho dos materiais recolhidos

- o Duas lascas não corticais 5 e 6);
- o Pequeno seixo de talhe unifacial em mais de metade da periferia, através de grandes levantamentos oblíquos (7)
- o Enorme peso de pedra com entalhes no eixo menor (9,8 cm no eixo maior e 7,8 cm entre entalhes), obtidos através de levantamentos em locais opostos da mesma face (8);
- o Seixo-raspadeira unifacial talhado em mais de metade da periferia (9);
- o Seixo subtriangular espalmado, truncado na extremidade mais larga por dois grandes levantamentos e dois outros menores (10);
- o Seixo-raspadeira, espesso, de talhe abrupto, unifacial, em mais de metade da periferia, através de várias séries de levantamentos (11);
- o Seixo subtriangular espalmado, truncado na extremidade mais larga por quatro levantamentos (12);
- o Lasca lamelar em quartzo, conservando uma pequena parcela do córtex (não representada);

3.1.2.7. Insuínha 4

Na parte terminal do caminho existente para acesso à Insuínha, do lado esquerdo no sentido descendente, numa encosta marcada por sulcos provocados pela escorrência da água da chuva, tivemos oportunidade de recolher um número reduzido de vestígios arqueológicos.

As suas coordenadas (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0621258 – 4222761 – cota 98 metros).

A zona contém afloramentos de xisto, por entre a camada argilosa alaranjada, aqui e além recoberta por seixos quartzíticos.



Ilustração 17 - Insuínha 4 – Material recolhido.

O material recolhido é escasso e consiste no seguinte:

- o Seixo ovalado, truncado na extremidade mais larga por levantamentos longos e oblíquos, determinando um gume ligeiramente arqueado, acerado e convexo;
- o Fragmento de uma massa nuclear, conservando uma parte do córtex em dois pontos oposto e num dos lados, apresentando o negativo de uma grande lasca e vários outros levantamentos, sendo que, de um lado, estes são muito finos como se se tratasse de retoques, determinando um gume recto, mas levemente sinuoso;
- o Fragmento de uma massa nuclear, conservando uma pequeníssima parcela do córtex, talhada alternadamente, determinando uma linha sinuosa;
- o Lasca de descorticação de grandes dimensões, apresentando negativos de levantamentos.

3.1.2.8. Insuínha 5

No extremo do caminho intervencionado, já na propriedade do Monte da Insuínha, detectamos a existência de um conjunto estruturado de blocos de xisto com uma configuração

circular, formando um anel, nalguns pontos duplo, subitamente interrompido por um alinhamento rectilíneo de pedras colocadas ao cutelo.

No interior desse anel e na zona do alinhamento rectilíneo recolhemos 14 fragmentos de cerâmica manual, não decorada, de pequenas dimensões, muito erodidos, nenhum deles capaz de nos dar a ideia da forma e dimensão dos recipientes a que pertenceram. Estes fragmentos tinham espessuras variáveis entre os 5 mm e os 15 mm.

Estas cerâmicas foram, maioritariamente, cozidas em atmosfera não redutora, apresentando uma cor avermelhada em ambas as faces, embora em dois dos exemplares se note, através das zonas de fractura, uma camada intermédia es-



Ilustração 18 - Insuínha 5 – Conjunto pétreo estruturado

cura.

As superfícies da maioria dos exemplares denunciam a presença de elementos não plásticos (quartzo), quase todos de granulometria inferior a 1 mm.

Uma prospecção cuidadosa nas imediações não revelou a presença de qualquer outro fragmento de cerâmica, o que nos leva a presumir que os recolhidos pudessem estar, efectivamente, em associação com a referida estrutura pétrea.

Contudo, mesmo assim, não é de descartar a hipótese de a ocupação pré-histórica nada ter a ver com este anel pétreo, que poderia ser antes o vestígio de uma estrutura agro-pastoril como a que está documentada por António Carlos Silva (SILVA, 2000: 262) na Sr.^a da Luz 5, com evidentes semelhanças com esta e que, uma vez escavada, mostrou ser o que restava de uma cabana circular – uma choça de pastores.

As coordenadas desta estrutura pétrea (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0621367 — 4222664 - cota 99 metros).

A alguns metros de distância foi também recolhida uma lasca quartzítica de descorticação e um seixo espesso, do mesmo material, truncado na extremidade mais larga através de grandes levantamentos oblíquos, determinando um gume levemente arqueado, o qual se apresenta massacrado pelo uso.

Nada indica que estes materiais estejam associados à estrutura pétrea referenciada, a não ser espacialmente.



Ilustração 19 - Seixo talhado recolhido a alguns metros de distância do conjunto pétreo

Não se tendo realizado escavação ou sondagem, uma vez que se protegeu a estrutura através do desvio do caminho, não é possível caracterizar o tipo de ocupação que teve aquele espaço.

3.1.2.9. Insuínha 6

A existência de uma rocha levantada no cimo de uma colina que dominava visualmente um vale até a Ribeira de Marmelar, levou-nos a prospectar o local.

Aí deparámos com uma laje de xisto colocada ao alto, amparada por uma outra laje mais pequena, para além de existirem aí mais algumas pedras de menores dimensões, umas pertencentes ao afloramento ali existente e outras deslocadas da sua posição inicial.

As coordenadas do local (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0620790 - 4223100 - cota 122 metros).

A posição que a laje maior ocupa é claramente de origem antrópica, pois é visível a forma como a mesma foi calçada para poder ocupar aquela posição.

Em torno da colina em cujo topo se ergue esta laje, existem muitos seixos quartzíticos.

Prospectando entre eles foi possível recolher alguns com evidentes sinais de trabalho intencional:

- o Seixo subtriangular, achatado, truncado na extremidade mais larga por dois grandes levantamentos unif-



Ilustração 20 - A Laje ao alto, amparada por uma outra de menores dimensões



Ilustração 21 - Vista da laje, vendo-se a existência de seixos quartzíticos nas imediações



Ilustração 22 - Material recolhido

ciais quase simétricos que determinam, ao centro, uma saliência e por outros menores, formando um gume com a forma triangular;

- o Seixo espalmado, subrectangular, truncado na extremidade através de dois levantamentos oblíquos unificiais, formando um gume denteado;
- o Seixo espalmado, ovalar, truncado na extremidade mais larga por um conjunto de pequenos levantamentos e retoques secundários unificiais, formando um gume denteado;
- o Seixo talhado em quase toda a periferia através de levantamentos unificiais que, de um lado, são oblíquos e, do outro, subverticais.
- o Calhau espesso, truncado na sua extremidade mais larga por quatro levantamentos principais unificiais, determinando um gume irregular. O talão apresenta marcas de percussão;
- o Núcleo espesso de forma subquadrangular, apresentando quatro levantamentos subverticais e um de segundo nível, unificiais, determinando um gume ligeiramente côncavo. O talão ostenta um pequeno levantamento accidental recente;

Todos os exemplares apresentam arestas muito vivas. Com os escassos elementos existentes, não é possível determinar a que corresponderá a laje vertical, ainda que, pela sua localização e pela cintura pétrea de seixos quartzíticos, se possa conjecturar que seria o que resta de uma anta.

Por outro lado, nada garante que a indústria lítica recuperada nas suas imediações tenha qualquer associação – para além da espacial – com aquela estrutura, tanto mais que, apesar de apresentar arestas muito frescas e alguns exemplares terem características languedocenses, acusa um certo arcaísmo no talhe.

3.1.3. Ponte Sobre a Ribeira do Sobroso

A bacia da Ribeira do Sobroso afectada pela albufeira da barragem de Pedrógão estende-se por cerca de 1,3 km, intersectando a actual EM 538.

O desaterro efectuado na margem esquerda permitiu verificar que o terreno aí era constituído por xistos verdes na base, a que se sobrepunha uma camada de terra avermelhada e argilosa sobre a qual existiam alguns seixos quartzíticos coluvionados.

O desaterro da margem direita mostrou-nos um terreno composto essencialmente por xistos verdes, com intercalações de terreno avermelhado e argiloso. Só a cotas mais elevadas e afastadas da zona onde decorreram estes trabalhos é que existiam níveis de cascalheira, correspondentes a antigos terraços fluviais

A zona envolvente do local onde se deu a intervenção sobre a Ribeira do Sobroso é, genericamente, constituída por terraços contendo, à superfície, cascalheira onde,

pontualmente, se identifica indústria lítica sobre quartzito.

O Estudo de Incidência Ambiental já havia apontado a existência de algumas concentrações de materiais arqueológicos nas imediações da Ribeira do Sobroso, próximo da ponte ali existente e, particularmente, na pequena plataforma que se desenvolve na sua margem esquerda, embora o referido EIA, referisse que “A maior parte destes artefactos podem representar instrumentos de ocasião abandonados por grupos de caçadores-recolectores dotados de grande mobilidade que exploravam os recursos fluviais (...) O carácter disperso dos achados e dos sítios arqueológicos assinalados não permite considerar efectivas jazidas arqueológicas” (EIA, pág. 87).

Como consequência disso, foi efectuada prospecção arqueológica de superfície numa área alargada às cotas superiores, numa tentativa de melhor compreender a natureza das ocupações e dos fenómenos deposicionais ali verificados.

3.1.3.1. Sobroso 1

Este sítio, já anteriormente identificado, situa-se na margem direita da Ribeira do Sobroso, a seguir a uma pequena linha de água, numa zona de cascalheira de elevada densidade, sobrejacente a terreno argiloso avermelhado.



Ilustração 23 - A zona de Sobroso I – vendo-se o nível de cascalheira sobre a camada argilosa

Aí recolhemos diversos artefactos, sobre seixo quartzítico, a maioria dos quais, apresentando as arestas boleadas por rolamento:

- o Seixo espesso (6,9 cm de espessura máxima), talhado em raspador ligeiramente convexo por meio de grandes levantamentos. As arestas são boleadas e o gume massacrado (1);
- o Seixo raspador espesso (7 cm de espessura máxima), talhado por meio de grandes levantamentos, formando um gume ligeiramente convexo. As arestas apresentam-se boleadas e o gume massacrado (2);
- o Grande seixo raspador ovalar, chato (espessura máxima = 4,7 cm), de gume convexo, muito vivo, embora com alguns sinais de uso (3);

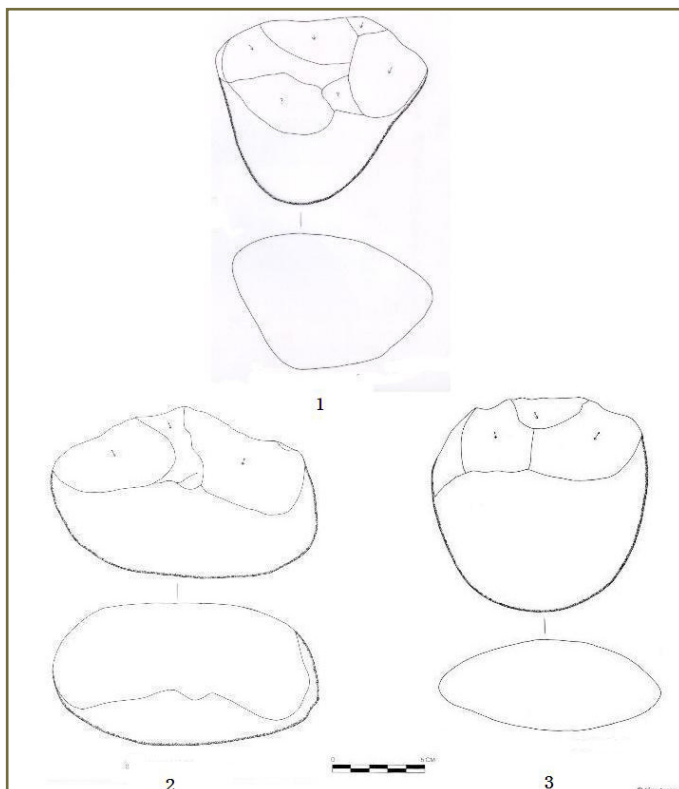


Ilustração 24 - Desenhos de artefactos recolhidos (os atrás descritos)



Ilustração 25 - Algum material recolhido (últimos 4 a seguir descritos)

- o Grande seixo espesso (7,3 cm de espessura máxima), subquadrangular, talhado unifacialmente por meio de grandes levantamentos oblíquos e de

pequenos retoques na parte central do gume, determinando um gume denteado, com evidentes sinais de uso;

- o Seixo espalmado, truncado na extremidade mais larga por três facetas, obtidas por talhe unifacial, determinando um gume levemente arqueado e dissimétrico, com dois dentes, o qual apresenta sinais de uso. As arestas são boleadas;
- o Pequeno núcleo prismático utilizado para a extracção de lascas, de que conserva vários negativos e cuja plataforma mantém ainda o córtex; as arestas são vivas;
- o Lasca de descorticação, possivelmente utilizada como raspador; as arestas apresentaram-se boleadas.

3.1.3.2. Sobroso 3

Este sítio, também já anteriormente identificado, localiza-se numa pequena plataforma a média altitude, sobranceira ao vale da Ribeira do Sobroso, na margem esquerda desta, e muito próximo do caminho ali existente.

Apesar das condições do local, com uma enorme camada de poeira muito fina, cobrindo o terreno, resultante do movimento das máquinas e viaturas no caminho vizinho, foi recolhido o seguinte material, em quartzito:

- o Pequena lasca de descorticação, apresentando sinais de uso;
- o Seixo achatado, subrectangular, talhado unifacialmente através de diversos níveis de levantamentos, e com um gume levemente arqueado; as arestas são vivas;
- o Seixo achatado, talhado unifacialmente em mais de metade da periferia, através de retoque escamoso, subvertical; do lado direito, porém, apresenta um único levantamento; as arestas são vivas.



Ilustração 26 - Material recolhido

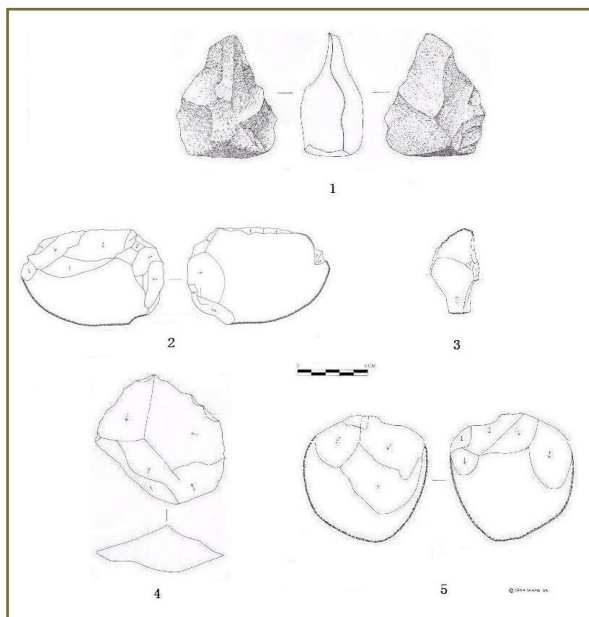


Ilustração 27 - Desenho de materiais recolhidos

3.1.3.3. Sobroso 5

No extremo norte do baixo terraço que dominava a margem esquerda da Ribeira do Sobroso, muito próximo do caminho ali existente, recolhemos também alguns artefactos, à superfície, na sua generalidade, sobre seixo quartzítico.

O material recolhido foi o seguinte:

1. Um pequeno triedro (comprimento = 8,2 cm; largura máxima = 7 cm; espessura máxima = 5,2 cm), de que apenas o talão conserva uma porção de córtex, com arestas muito vivas e sinuosas, sem sinais de uso;
2. Um seixo raspador, achatado, de talhe periférico unifacial (embora do lado direito tenha dois levantamentos do lado oposto), trabalhado em mais de metade da periferia, com duas séries de levantamentos, sendo a segunda constituída por talhe de segunda ordem (nº 1.4.1 da lista-tipo – Raposo et ali 1984);
3. Lasca lamelar, com uma pequena fracção de córtex nas extremidades opostas (nº 16 da lista-tipo – Raposo et ali: 1984).
4. Pequeno “hacheraux” sobre lasca simples, não retocada, conservando uma pequena fracção do córtex e arestas muito vivas (nº 7 da lista-tipo – Raposo et ali: 1984)
5. Um seixo, globular, afeiçãoado bifacialmente de forma a obter uma aresta de gume irregular, o qual evidencia as marcas de utilização como percutor; no talão apresenta igualmente sinais de uso como percutor (nº 22.1 da lista-tipo - Raposo et ali:1984);

O acompanhamento da abertura de uma bacia de retenção temporária para lavagem de betoneiras, efectuada a umas escassas dezenas de metros para leste do local destes

achados, e a monitorização das terras resultantes da escavação, permitiu a recolha de mais algum material lítico, sobre quartzítico, a saber:

- o Duas lascas de descorticação ostentando parte do córtex;
- o Pequeno seixo talhado em quase toda a periferia através de levantamentos subverticais, predominantemente unificiais (apenas tem dois levantamentos na face oposta). As arestas são vivas, embora de um dos lados mostrem sinais de uso; é notável a semelhança deste exemplar com um outro recolhido na Insuinha 6;
- o Seixo raspadeira espesso, talhado unifacialmente em mais de metade da periferia, por talhe subvertical e retoque remontante, apresentando o gume massacrado pela utilização;
- o Seixo espesso, talhado unifacialmente em mais de metade da periferia por talhe abrupto que provocou o levantamento de lâminas compridas, de que restaram os respectivos negativos; as arestas apresentam sinais de uso;
- o Seixo achatado talhado em mais de metade da periferia por talhe oblíquo e por pequenos retoques no gume, o qual, embora vivo, apresenta sinais de uso;



Ilustração 28 - Materiais recolhidos aquando da abertura da bacia de retenção

- o Seixo truncado através de levantamentos efectuados por retoque abrupto, determinando um gume quase rectilíneo, o qual apresenta evidentes sinais de uso. Num dos lados existe a marca de um levantamento que parece anterior ao talhe mas que, por força de alguns retoques, acabou por determinar um segundo gume, também ele apresentando sinais de uso;
- o Seixo achatado, truncado na extremidade mais larga através de talhe oblíquo unifacial e de sucessivos retoques. As arestas são muito vivas.

A localização deste sítio (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) é a seguinte: 29S0623443 – 4226699 – cota 90

3.1.4. Sobroso 6

Num terreno anteriormente ocupado com cultura cerealífera, nas proximidades de uma antiga linha de água, no extremo sul da plataforma inferior, na margem esquerda da Ribeira do Sobroso, tivemos ocasião de recolher alguns artefactos sobre seixo quartzítico, à superfície dos sulcos provocados pelas práticas agrícolas.

O material recolhido foi o seguinte:

1. Um pico (nº 4 da lista-tipo – Raposo et ali: 1984), talhado unifacialmente, de secção triédrica e ponta desviada, obtida através de grandes levantamentos;
2. Um seixo afeiçoado através de grandes levantamentos planos numa das faces e pequenos levantamentos na face oposta, com arestas pouco vivas, devendo ter funcionado como machado de mão;
3. Seixo espesso (espessura máxima = 5,6 cm) talhado unifacialmente por talhe remontante, dificultado pela qualidade da matéria-prima; possui arestas vivas;
4. Um seixo raspador, ovalar, chato (espessura máxima = 4,8 cm), de gume convexo, muito vivo, embora com alguns sinais de uso. Na parte oposta ao gume apresenta ainda três pequenos levantamentos (um de um lado e dois de outro) e sinais de utilização como percutor. Tem muitas semelhanças com um exemplar recolhido em Sobroso 1;

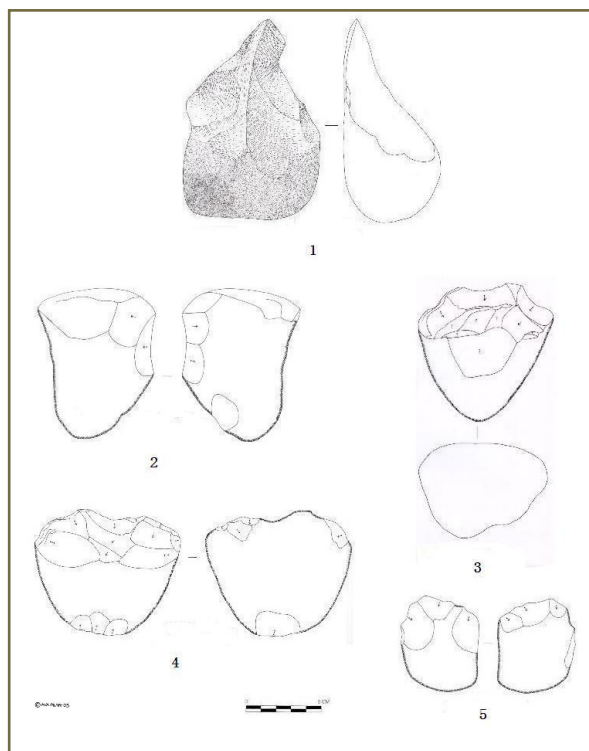


Ilustração 29 – Material recolhido

5. Um pequeno seixo achatado, talhado em parte da periferia por talhe altemo, determinando uma linha sinuosa de gume; possui arestas muito vivas.

A sua localização (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) é a seguinte: 29S0623477 – 4226651 – cota 88

3.1.4.1. Sobroso 7

Na margem esquerda da Ribeira do Sobroso estende-se um terraço mais elevado, dominando visualmente a paisagem sobre o vale da ribeira e a sua confluência com o Rio Guadiana.

À superfície do mesmo ou incrustados numa camada areno-argilosa, avermelhada, por vezes, são visíveis lascas e artefactos sobre seixo quartzítico, de que se recolheram algumas amostras.

Embora existam materiais dispersos um pouco por toda a superfície, a zona onde verificámos a existência de maior concentração dos mesmos tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000): 29S0623631 – 4226439 – cota 98 m.

Aí recolhemos, à superfície:

- Seis lascas de descorticagem, contendo parte do córtex;
- Duas lascas lamelares de seccionamento, contendo uma pequena fracção do córtex na extremidade proximal;
- Seixo subtriangular, espalmado, truncado na extremidade mais larga através de talhe unifacial, provocando diversos níveis de levantamentos oblíquos; as arestas são vivas, embora o gume apresente sinais de uso;
- Pequeno seixo unifacial afocinhado frontal, talhado em mais de ¾ da periferia (nº 1.2 da lista-tipo - Raposo et ali: 1984), conservando as arestas vivas;
- Núcleo do tipo calote de seixo (nº 21.1 da lista-tipo - Raposo et ali: 1984), utilizado para a extracção de lascas, conservando as arestas vivas;
- Seixo espalmado, truncado na extremidade mais larga, por duas facetas maiores e uma mais reduzida, obtidas por talhe unifacial, determinando um dente no gume; as arestas são vivas;
- Seixo achatado, explorado para a produção de lascas, através de talhe bifacial, altemo, em quase toda a periferia, determinando um gume extremamente sinuoso; apresenta uma fractura de um dos lados, possivelmente anterior ao talhe; as arestas são vivas;
- Seixo raspadeira unifacial de retoque fino e arestas vivas;
- Pequeno núcleo do tipo calote de seixo, conservando as arestas vivas;
- Seixo espesso (6,3 cm de espessura máxima), talha-



Ilustração 30 - Alguns do material recolhido

do unifacialmente, através de talhe subvertical; as arestas conservam-se vivas;

- o Núcleo levallois;
- o Seixo espesso (7,4 cm de espessura máxima), truncado na extremidade mais larga, através de levantamentos obtidos predominantemente unifacialmente, embora existam também dois pequenos levantamentos na face oposta, o que determina um gume sinuoso; as arestas são vivas;
- o Raspador circular sobre lasca, ostentando sinais de uso.

3.1.4.2. Sobroso 8

Na margem direita da ribeira do Sobroso, no caminho de acesso ao Guadiana e já próximo deste rio, recolhemos uma pequena lasca de descorticação em quartzito e um seixo alongado, do mesmo material, talhado na extremidade mais estreita, onde são visíveis três negativos de grandes levantamentos, obtidos por talhe unifacial. As arestas são vivas. A sua localização (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) é a seguinte: 29S0623450 - 4226325 - cota 93.



Ilustração 31 - Líticos recolhidos em Sobroso 8

3.1.4.3. Sobroso 9

Numa faixa de terreno paralela à EM 538, a escassos metros desta, na margem esquerda da Ribeira do Sobroso, onde se procedeu ao abate de sobreiros para a passagem do troço novo da referida estrada, no enfiamento da ponte nova, recolhemos igualmente, à superfície, nas terras movimentadas, alguns materiais arqueológicos – lascas e seixos quartzíticos trabalhados.

Foram os seguintes os materiais recolhidos:

- o Seixo achatado de grandes dimensões (11,6 cm de comprimento x 9,8 cm de largura máxima), talhado unifacialmente do lado direito e bifacialmente do lado oposto. Assim, enquanto que deste lado, os grandes levantamentos de uma das faces e os pequenos levantamentos da outra, determinaram a formação de um gume sinuoso; no lado direito o gume é quase rectilíneo. Há ainda a registar o facto de o gume e as arestas do lado direito se apresentarem vivas, enquanto que as do lado esquerdo mostram menos frescura o que pode significar que estamos em presença de um artefacto reutilizado;
- o Pequeno núcleo do tipo calote de seixo, conservando as arestas vivas;
- o Lasca ostentando negativos de levantamentos e arestas extremamente boleadas;
- o Seixo unifacial, subtriangular, espesso (5,3 cm de espessura máxima), apresentando três facetas produzidas por talhe subvertical; as arestas não são muito frescas.



Ilustração 32 - Materiais recolhidos em Sobroso 9

A sua localização (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) é a seguinte: 290S623670 – 4226675 – cota 92.

3.1.4.4. Sobroso 10

Também no lado oposto, os trabalhos obrigaram à escavação mecânica de uma faixa de terreno paralela à EM 538, a escassos metros desta, na margem direita da Ribeira do Sobroso, no enfia-mento da ponte nova que ali foi construída.

Esses trabalhos permitiram uma melhor compreensão da geolo-gia local, uma vez que puseram a descoberto a cascalheira ali existente.

Foi, assim, possível observar a existência das seguintes cama-das, de cima para baixo, todas elas contendo seixos quartzíticos:

- o Camada acastanhada, de terra vegetal;
- o Camada amarelo-acastanhado, de transição para a cama-da inferior;
- o Camada argilosa amarelada;
- o Camada argilosa vermelha.

Embora as duas camadas inferiores se tenham revelado comple-tamente estéreis do ponto de vista arqueológico, as camadas su-perficiais continham alguns materiais dispersos – lascas e seixos quartzíticos trabalhados.



Ilustração 33 - Corte provocado pela abertura do novo troço da estrada, vendo-se a cascalheira

Foram os seguintes os materiais recolhidos:

- o Quatro lascas de descorticação, contendo parte do córtex;
- o Lasca lamelar de seccionamento, contendo uma fracção do córtex na parte proximal;
- o Seixo unifacial, cordiforme, truncado na extremidade mais larga através de três levantamentos; as arestas apresen-tam-se completamente boleadas;
- o Pequeno núcleo poliédrico (nº 12 da lista-tipo – RAPOSO et ali: 1984) utilizado para a produção de lascas; apresenta diversos planos de percussão e diferentes níveis de talhe e as arestas muito vivas;
- o Pequeno seixo unifacial truncado na extremidade mais larga através de dois grandes levantamentos e dois ou-tros menores, através de talhe subvertical; as arestas são muito vivas;



Ilustração 34 - Materiais recolhidos

- o Seixo espesso (7,1 cm de espessura máxima), subqua-drangular, unifacial, truncado na extremidade mais larga através de grandes levantamentos oblíquos e de peque-nos retoques no gume; este apresenta sinais de uso e as arestas não são vivas;
- o Seixo achatado truncado lateralmente através de vários levantamentos, determinando a formação de um gume irregular; as arestas mostram-se frescas;
- o Calote de seixo ostentando negativos de grandes levanta-mentos;
- o Núcleo poliédrico utilizado para a produção de lascas; apre-senta diversos planos de percussão e as arestas vivas.

A sua localização (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) é a seguinte: 29S0623225 – 4226650 – cota 95.

3.1.5. Ponte Sobre o Barranco do Vale de João Dias

A bacia do Barranco do Vale de João Dias foi afectada pela albufeira da barragem de Pedrógão em cerca de 700 metros de extensão, intersectando a actual EM 538.

O desaterro efectuado permitiu verificar que o terreno aí, em ambas as margens, era constituído por xistos verdes na base, a que se sobrepunha uma camada de terra avermelhada e argilosa, não se verificando aqui a presença de seixos quartzíticos na imediata vizinhança deste curso de água temporário, ainda que estivessem presentes em grande abundância, a cotas mais elevadas, e com grande granulometria, na margem esquerda da mesma.

Na margem esquerda do Barranco do Vale de João Dias, numa zona baixa, a escassos metros da EM 538, de um e do outro lado da mesma, foi recolhida uma lasca e alguns seixos quartzíticos, à superfície de uma camada argilosa avermelhada.

As coordenadas do sítio (carta militar de Portugal, nº 501, na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0625241 – 4227038 – cota 86 metros.

O material recuperado foi o seguinte:

- o Pequena lasca de descorticação, contendo parte do córtex.
- o Seixo subtriangular, espesso (5,2 cm de espessura máxima), talhado unifacialmente em cerca de metade da periferia através de grandes levantamentos, sendo visível, porém, um segundo nível de talhe. As arestas são vivas.
- o Núcleo discóide com planos de percussão preparados, talhado bifacialmente em toda a periferia para a obtenção de lascas; não conservando qualquer parcela de córtex. (nº 21.3 da lista-tipo - Raposo et ali: 1984).
- o Pequeno seixo ovalado, truncado através de talhe unifacial por meio de pequenos levantamentos remontantes no lado direito, possivelmente abandonado devido a um acidente de talhe do lado esquerdo, que produziu um levantamento profundo; as arestas são vivas.
- o Pequeno seixo espalmado de forma subtriangular, talhado de um lado numa face e do outro, na face oposta; as arestas são vivas.



Ilustração 35 - Material recolhido

3.1.6. Caminho Vicinal Entre as Freguesias de Pedrógão e Alqueva

3.1.6.1. Monte da Sobreira de Cima 5

Este caminho permite o acesso ao Monte da Sobreira de Cima, a partir da estrada que conduz à Barragem do Alqueva.

Do lado direito do mesmo, no sentido descendente, e relativamente próximo deste, no primeiro vale, numa pequena ravina aberta há muito pelas águas das chuvas, incrustado numa das paredes da ravina, a cerca de 20 cm de profundidade, recolhemos um núcleo musterióide em quartzito avermelhado de excelente qualidade, com planos de percussão trabalhados. Contém ainda parte do córtex na face inferior e numa parcela do lado.

Prospectando nas proximidades não foram encontrados quaisquer outros líticos, mas foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica de cor acastanhada, com 9 mm de espessura, cuja pasta, espessa, denota a presença de elementos não plásticos (quartzo e mica) extremamente finos.

As coordenadas do local onde foi recuperado o núcleo (carta militar de Portugal 501 na escala de 1/25 000), são as seguintes: 29S0631440 – 4227607 – cota 185 metros.



Ilustração 36 - Núcleo trabalhado

3.1.6.2. Anta 2 do Monte da Sobreira de Cima

A Anta 2 da Sobreira de Cima é um monumento megalítico, já antes referenciado no EIA, que se encontra implantado no topo de um cabeço nas proximidades da parte final deste caminho, do qual se observa uma possível laje de cobertura da câmara e alguns esteios. Toda a componente pétreia da estrutura é em xisto local.

É observável ainda o que resta da mamoa.

Na base de dados do IPA consta que, nas suas imediações, foi recolhido um machado/martelo em arenito, bastante desgastado.

As suas coordenadas (carta militar de Portugal 501 na escala de 1/25 000), são: 631687 – 4227430 – Cota 177 metros.

Prospectando nas proximidades da anta recolhemos algumas lascas, núcleos e um artefacto sobre quartzito.

O material recolhido tem as seguintes características:

- o Seis lascas de descorticação, contendo parte do córtex;
- o Uma pequena lamela em quartzito;
- o Duas lascas não corticais;
- o Um núcleo do tipo calote de seixo;
- o Seixo talhado unifacialmente em mais de metade da periferia. Do lado esquerdo foi trabalhado através de grandes levantamentos oblíquos, enquanto que, do lado direito, o talhe é subvertical e remontante. As arestas são vivas.



Ilustração 37 – Alguns do material recolhido

Embora estes materiais estejam associados espacialmente à zona onde se encontra implantada a anta (raio de 10 metros), não é seguro que haja uma associação crono-cultural, conquanto tal hipótese não seja de descartar.

3.2. Margem esquerda do guadiana

3.1.5. Caminho Vicinal 1 da Freguesia de Pias

Este caminho de acesso à Ínsua, tem um traçado que se desenvolve sobre uma área aplanada, argilo-arenosa, recortada por linhas de água em cujas margens se detecta a presença de terraços de seixos quartzíticos

3.2.1.1. Ribeira de Vale de Cervas 5

Nas proximidades da Ribeira de Vale de Cervas, em zona mais próxima do Guadiana já haviam sido detectadas 5 zonas de concentrações de materiais.

No começo do caminho vicinal, junto à cancela da vacaria ali existente, numa zona arenosa, pontuada por seixos quartzíticos, recolhemos o exemplar que a seguir se reproduz.

Trata-se de um seixo subtriangular, espalmado, truncado na extremidade mais larga através de um grande levantamento oblíquo e de vários levantamentos subverticais, mais pequenos, determinando um gume denteado. As arestas são vivas.



Ilustração 38- Seixo talhado

As coordenadas deste local (carta militar de Portugal 500 na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0623186 – 4222189 – cota 102 metros.

3.2.1.2. Charca da Ínsua

Mais adiante, no local onde existe uma charca – pequena represa de água para dar de beber ao gado – identificámos um local onde o pisoteio dos bovinos, tinha destruído o coberto vegetal e tornados visíveis, no solo arenoso, alguns artefactos líticos e lascas de quartzito.

As coordenadas do sítio (carta militar de Portugal 501 na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0624015 – 422117 – cota 106 metros.

Aí recolhemos o seguinte material:

- o Uma lasca laminar;
- o Três lascas parcialmente corticais;
- o Raspador sobre lasca, de retoque simples, convexo, conservando duas pequenas fracções do córtex;
- o Seixo muito achatado, ovalar, truncado na extremidade mais estreita através de dois grandes levantamentos e de retoques menores numa face e pelo “descascamento” do córtex (retirada de fracções superficiais do córtex, sem provocar fractura concoidal) na face oposta. O gume, levemente convexo, apresenta sinais de utilização. O talão indicia a utilização dessa extremidade como percutor;
- o Seixo talhado unifacialmente em mais de metade da periferia através de levantamentos subverticais; o gume apresenta evidentes sinais de uso;
- o Seixo truncado unifacialmente na extremidade mais



Ilustração 39 - Material recolhido

larga, através de um levantamento de seccionamento e dois levantamentos oblíquos, um deles de grandes dimensões; as arestas são vivas;

- o Seixo achatado, talhado unifacialmente em mais de metade da periferia através de sucessivos retoques abruptos do lado esquerdo e de um grande levantamento do lado direito, o que determina a formação de um dente no gume; as arestas são vivas.

3.2.1.3. Ínsuas 1

Numa zona situada abaixo das Ínsuas, numa pequena plataforma na margem esquerda do Guadiana, mesmo junto ao rio, recolhemos alguns artefactos sobre seixo quartzítico.

O material aqui recolhido consistiu no seguinte:

- o Uma lasca de descorticação, contendo parte significativa do córtex;
- o Seixo-raspadeira ovóide talhado unifacialmente em cerca de metade da periferia, através de levantamentos oblíquos, determinando a formação de três facetas; as arestas são relativamente frescas;
- o Seixo espesso, de enormes dimensões (14 cm de comprimento máximo x 9,2 cm de largura máxima x 7,2 cm de espessura máxima) talhado unifacialmente de um lado, através de grandes levantamentos oblíquos, determinando a formação de um gume recto. Apresenta evidência de utilização como percutor; as arestas são boleadas.



Ilustração 40 - Material recolhido

As coordenadas deste sítio (carta militar de Portugal 500 na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0622590 – 4224750 – cota 85 metros.

3.2.1.4. Ínsuas 2

Próximo das Ínsuas 1, mas mais a sul e numa plataforma a uma cota superior, detectámos a presença de algumas lascas e artefactos líticos sobre quartzito.



Ilustração 41 - Material recolhido

Este sítio tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal 500 na escala de 1/25 0000): 29S0622780 – 4224325 – cota 90 metros.

O material aqui recolhido foi o seguinte:

- o Seixo-raspador talhado unifacialmente em cerca de metade da periferia através de levantamentos oblíquos e pequenos retoques, formando um gume levemente arqueado; as arestas são vivas;
- o Núcleo prismático, talhado em quase toda a periferia para a obtenção de lascas longas (lascas laminares); as arestas não são muito frescas;
- o Raspador recto sobre lasca parcialmente cortical.

3.2.2. Caminho Vicinal 2 da Freguesia de Pias

Este caminho inicia-se na estrada Moura-Pedrogão e, passando pelo Monte do Teixeira, o seu traçado desenvolve-se sobre uma superfície ondulada, recortada por linhas de água, até à plataforma onde se situa o actual caminho de acesso às Ínsuas.

O terreno é argiloso, sendo recoberto por uma espessa camada de cascalheira quartzítica nos pontos mais altos.



Ilustração 42 – Aspecto do terreno nos pontos mais elevados, vendo-se a espessura da camada de seixos

3.2.2.1. Monte do Teixeira 1

Depois de se passar o Monte do Teixeira, o caminho sobe um pouco e inflecte à direita, seguindo-se uma subida mais acentuada. No cimo da mesma existe uma zona aplanada onde recolhemos, à superfície, um artefacto sobre seixo quartzítico.

Este sítio, que à falta de melhor designação denominámos por Monte do Teixeira 1, tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal 511 na escala de 1/25 0000): 29S0622161 – 4220301 – cota 115 metros.

O artefacto recolhido é um seixo-raspador, achatado, talha-

do unifacialmente em metade da periferia, por talhe subvertical. As arestas são vivas.



Ilustração 43 - Artefacto recolhido

3.2.2.2. Monte do Teixeira 2

Prosseguindo pelo caminho existe um declive, que forma um vale aberto, mas que, mesmo assim, obrigou à construção de uma passagem hidráulica para obstar a que o caminho pudesse provocar a eventual retenção das águas pluviais. Precisamente nesse vale, muito próximo da passagem hidráulica, do lado esquerdo da estrada para quem segue a partir do Monte do Teixeira, detectámos a presença de um conjunto de artefactos sobre seixo quartzítico.

Os materiais foram recolhidos à superfície numa zona de cascalheira, mas na parte mais baixa, ou seja, no vale. Uma prospecção cuidada na parte superior revelou-se infrutífera. Este pormenor pode ter algum interesse, se tivermos em consideração o arcaísmo da indústria aqui recolhida e o facto de as ocupações do Acheulense Inferior e Médio se situarem usualmente no fundo dos vales (CUNHA-RIBEIRO; 2000: 141).

O material recolhido foi o seguinte:

- o Seixo espalmado, ovalado, truncado unifacialmente através de um grande levantamento oblíquo do lado direito e outros menores do lado esquerdo; as arestas são vivas;
- o Seixo ovalar, achatado, de grandes dimensões (comprimento máximo = 12,8 cm e largura máxima = 9,4 cm), truncado unifacialmente através de dois grandes levantamentos oblíquos; as arestas são vivas;
- o Seixo subtriangular, achatado, truncado unifacialmente na extremidade mais larga através de dois grandes

levantamentos oblíquos do lado esquerdo e no centro e de pequenos levantamentos subverticais do lado direito, onde é menos achatado; as arestas são vivas;

- o Seixo subtriangular, achatado, truncado unifacialmente na extremidade mais larga, através de retoques e levantamentos oblíquos. Do lado direito, na face oposta, apresenta um levantamento não concoidal provocado por um acidente de talhe relacionado com uma fissura existente no seixo; as arestas são muito vivas;
- o Seixo espesso, de enormes dimensões (comprimento máximo = 16,6 cm; largura máxima = 11,3 cm; espessura máxima = 9,8 cm), talhado unifacialmente através de grandes levantamentos, de ambos os lados, por forma a obter um bico robusto e dois gumes; as arestas estão boleadas e os gumes apresentam evidentes sinais de uso;
- o Seixo achatado, subrectangular, truncado na extremidade mais larga através de pequenos levantamentos subverticais do lado direito e oblíquos do lado esquerdo; as arestas são relativamente frescas;
- o Raspador duplo sobre lasca que conserva uma pequena fracção do córtex; apresenta sinais de uso;
- o Duas lascas de descorticação, contendo uma parte significativa do córtex.



Ilustração 44 - Sítio 39 - Material recolhido

Ao local destes achados, à falta de micro topónimo conhecido, atribuímos a denominação de Monte do Teixeira 2.

As suas coordenadas (carta militar de Portugal 511 na esca-

la de 1/25 0000) são as seguintes: 29S0622311 – 4220517 – cota 100 metros.

3.2.2.3. Monte do Teixeira 3

Prosseguindo o percurso por este caminho vicinal, depois de se vencer uma grande rampa que obrigou à realização de um enorme desaterro, no ponto mais alto, o caminho faz uma inflexão para a esquerda para ir entroncar no caminho que já existia antes.

Essa zona está repleta de seixos quartzíticos, tendo o terraço aí uma espessura considerável.

Precisamente no local onde se dá aquela inflexão recolhemos um seixo afeiçoado. Trata-se de um seixo-raspador, talhado unifacialmente em cerca de metade da periferia, através de levantamentos oblíquos, formando um gume levemente arqueado. As arestas são muito frescas.

Apesar da intensa prospecção realizada na zona, não foi possível detectar a presença de qualquer outro artefacto.



Ilustração 45 - Artefacto recolhido no local

Este sítio, que à falta de micro topónimo, designámos por Monte do Teixeira 3, apesar da distância a que se encontra deste, tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal 511 na escala de 1/25 0000): 29S0622900 – 4220829 – cota 125 metros.

3.1.5. Capela de Nossa Senhora dos Prazeres

A Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres é uma pequena orada situada na margem esquerda do Barranco da Amoreira.

3.2.3.1. Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres 1

Nas imediações da Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres, a sudoeste da mesma, recolhemos dois artefactos sobre quartzito. O material recolhido tem as seguintes características:

- o Seixo achatado talhado unifacialmente na extremidade mais larga através de grandes levantamentos oblíquos. Do lado esquerdo possui uma fractura que parece ser anterior ao talhe. O gume apresenta sinais de uso e as arestas são relativamente frescas;
- o Seixo cordiforme, espesso (6,8 cm de espessura máxima) talhado bifacialmente. Numa das faces tem apenas dois grandes levantamentos enquanto que a face oposta foi trabalhada através de grandes levantamentos e de pequenos retoques subverticais. As arestas apresentam já a usura do tempo.



Ilustração 46 - Material recolhido

A prospecção nas imediações e nos níveis superiores não possibilitou a recolha de quaisquer outros artefactos.

Este sítio tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal 511 na escala de 1/25 0000): 29S0621596 – 4219428 – cota 103 metros.

3.2.3.2. Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres 2

Prospectando nas imediações recolhemos mais alguns artefactos sobre seixo quartzítico no leito seco de uma linha de água que se situa a leste da Capela.

Esta linha de água desenvolve-se num vale encaixado entre rochas graníticas e o seu leito, curiosamente, está repleto de seixos quartzíticos provenientes dos terraços superiores ainda, que, estranhamente, a prospecção destes não tenha permitido a recolha de qualquer artefacto.

As coordenadas do ponto central onde recolhemos a maioria dos artefactos são as seguintes (carta militar de Portugal 511 na escala de 1/25 0000): 29S0621505 – 4219220 – cota 110 metros.

O material recolhido foi o seguinte:

- o Seixo achatado, comprido (8,2 cm), truncado na extremidade mais estreita através de três levantamentos oblíquos que lhe conferem um aspecto pontiagudo. O



Ilustração 47 - Aspecto do leito da linha de água



Ilustração 48 - Material recolhido

- bico e o lado esquerdo do gume apresentam sinais de uso; as arestas são relativamente frescas;
- o Seixo raspador de pequenas dimensões. Está talhado unifacialmente de um lado e do outro tem uma pequena superfície talhada bifacialmente, por talhe alterno, o que faz com que a primeira fracção do gume seja levemente arqueada, enquanto que a segunda é zi-

quezagueante. O gume apresenta sinais de uso e as arestas estão boleadas;

- o Seixo raspador de pequenas dimensões talhado unifacialmente por talhe e retoque subvertical. O talão apresenta uma fractura térmica. As arestas são muito vivas;
- o Seixo truncado na extremidade mais estreita através de dois levantamentos unifaciais, oblíquos, determinando a formação de duas facetas. O gume apresenta sinais de uso e as arestas são relativamente frescas;
- o Seixo truncado na extremidade mais larga, através de grandes levantamentos unifaciais, oblíquos, determinando a formação de um gume levemente côncavo. Este apresenta sinais de uso e as arestas são relativamente frescas;
- o Lasca laminar contendo duas pequenas fracções do córtex.

4. Discussão

As acções de acompanhamento que realizámos permitiram-nos um conhecimento da região com algum detalhe e a compreensão da localização das zonas de maior concentração de materiais.

Efectivamente, enquanto no sector mais a montante, nas proximidades da barragem do Alqueva, em ambas as margens, existe um relevo de xisto pouco propício à formação de terraços e à fixação humana neste período da Pré-História, no sector mais a jusante, nas proximidades da Barragem do Pedrogão, existem terraços extensos, sobrepondo-se, muitas vezes, a um substrato de xistos verdes, bordejando pequenos vales, abundando aí os materiais pré-históricos.

A primeira constatação que fizemos consistiu na confirmação daquilo que Mariano Feio já havia observado em 1945, ou seja, de que “dos quatro níveis, o terraço superior é o de maior extensão, por encontrar maiores facilidades de depósito e melhores condições de conservação”, enquanto que “os outros níveis, depositados já no vale encaixado, e por isso com menor base de apoio, foram mais facilmente desmantelados pela erosão

posterior” (FEIO et al; 1945: 63-64) e que, por outro lado, “a espessura do manto de seixos é muito maior no terraço de 80-90 metros que nos terraços inferiores (...)” (FEIO et al; 1945:64)., particularmente na margem esquerda do rio Guadiana

Efectivamente, é na superfície acima dos 90 m, que vamos encontrar a maioria das indústrias macrolíticas aqui recense-

adas e, particularmente, os conjuntos mais homogêneos. Contudo, essa abundância de recolhas de superfície não corresponde à existência de sítios com interesse estratigráfico, e traduz-se na mistura de materiais paleolíticos com indústrias languedocenses, certamente de cronologia mais recente.

Para o efeito consideramos “indústria languedocense”, uma indústria sobre seixos, com arestas geralmente muito vivas, frequentemente achatados e de talhe predominantemente unifacial, periférico, subvertical, remontante, abrangendo geralmente mais de metade da superfície, o que determina a formação de gumes convexos ou circulares e incluindo também uma percentagem significativa de lascas de talão cortical, raramente retocadas. Esta indústria distingue-se da indústria paleolítica, em virtude de, esta última, ser constituída essencialmente por calhaus truncados por talhe predominantemente unifacial, oblíquo, de forma a proporcionar o desprendimento de grandes lascas, talhe esse que não abrange mais de metade da periferia, dando origem a gumes rectos ou denteados, ou por forma características de talhe bifacial, como é o caso dos bifaces.

O facto de, neste conjunto de sítios, apenas estarmos em presença de material proveniente de recolhas de superfície, consequentemente, descontextualizado, sem estratigrafia, coloca-nos alguns problemas de interpretação, pelo que tivemos de recorrer a outros elementos de apreciação, tais como a morfo-tipologia dos artefactos, as características do talhe e o estado das arestas e da alteração da sua superfície.

Contudo, a análise da patine e rolamento dos materiais, de um modo geral, fornece informação pouco segura, porquanto, conforme tivemos ocasião de constatar, em certos casos, ela é devida às diferentes características e dureza dos materiais que servem de suporte aos macro-artefactos; apesar desta precaução, mesmo assim, nalguns outros sítios, parece haver uma clara correspondência entre o maior boleamento das arestas e os materiais atribuíveis ao Paleolítico Inferior.

Por outro lado, os artefactos de arestas mais frescas, de um modo geral, correspondem a talhes de características musterióides ou tipicamente languedocenses.

Os materiais recolhidos, quer os de características paleolíticas, quer os languedocenses, têm como suporte, esmagadoramente, o quartzito e apresentam frequentemente vestígios de utilização ou mesmo massacreamento dos bordos. Merecem uma especial referência os seguintes sítios:

a) Entrada do Caminho Vicinal da Insuínha

Este sítio apresenta características não comparáveis com qualquer outro dos aqui referenciados. Na verdade, conquanto os seixos quartzíticos ali constituam uma raridade, não existindo, portanto, nesse local as matérias-primas indispensáveis ao normal desenvolvimento dos processos de produção do espólio lítico ali recuperado, isso não impediu a recolha de alguns artefactos nesse material e um número considerável de lascas quartzíticas, corticais e não corticais.

Por outro lado, embora o grau de frescura das arestas dos exemplares recolhidos seja diferenciado, é ali claro que isso não tem qualquer significado cronológico, porquanto as arestas menos vivas coincidem com lascas ou artefactos de seixos quartzíticos de menor qualidade, enquanto que as arestas frescas estão presentes nos seixos de melhor qualidade (mais cristalinos).

Três aspectos ressaltam imediatamente à vista neste conjunto:

- A utilização do quartzito (ainda que pouco expressiva) o que raramente encontramos noutros sítios da região;
- A elevada proporção de lascas (incluindo 3 de quartzito) - 70% do conjunto do material recolhido - o que também não tem paralelo com qualquer outro sítio onde procedemos a recolhas. Acresce que as condições do local não eram as melhores para a visualização de pequenas lascas, como algumas das que foram recuperadas, pelo que é de admitir que, mesmo assim, as lascas estejam sub-representadas;

- A presença de lascas não corticais.

O facto de estarmos perante recolhas de superfície, descontextualizadas, não permite interpretações seguras. Contudo, face à tipologia e características dos materiais é provável que estejamos aqui perante uma ocupação paleolítica (Paleolítico Médio?), com intrusões languedocenses.

Do ponto de vista funcional, aparentemente estaríamos perante um sítio com características de oficina de talhe; contudo, essa hipótese colide com o facto de a matéria-prima – o quartzito – ser aqui rara. Basta referir que na prospecção feita no local, não identificamos a presença de mais de meia dúzia de seixos quartzíticos não trabalhados. Fica, pois, a interrogação.

b) Sobroso 5

Neste local, para além dos materiais líticos já referidos, foi recuperado também, à superfície, um fragmento de osso, de pequenas dimensões (comprimento = 5,9 cm; largura máxima = 2,1 cm), apontado através do polimento, por fricção, da superfície distal e de uma das arestas.

Embora tenha uma configuração apontada não é crível que tenha sido utilizado como furador, uma vez que a ponta tem um polimento desigual, mais parecendo ter sido utilizada para polir ou raspar, o que explicaria o desigual polimento das arestas.

Este achado levanta muitas dificuldades quanto à sua integração crono-cultural, visto não serem usuais artefactos dessa natureza em contextos como este, em que predominam artefactos languedocenses e porque parece difícil a sua sobrevivência em contextos não preservados; contudo não



Ilustração 49 - Utensílio em osso, vendo-se nitidamente a parte afeiçãoada

é de excluir liminarmente essa hipótese, atenta a longa existência daquele tecno-complexo.

Refira-se, a este propósito, que Abel Viana, em 1944, procurando material paleolítico no sítio da Barca do Ameixial, no Guadiana, encontrou um instrumento de osso com uma configuração próxima deste, mas mais robusto, e de maiores dimensões, “na barreira de areias antigas que, pela margem esquerda, se estende até uma centena de metros para sul da confluência do Ardila” e refere que, em alguns sítios das margens do Guadiana, recolheu “pequenas lascas de osso, utilizadas como raspadeiras” (VIANA, 1945: 339).

c) Sobroso 7

Neste sítio tivemos oportunidade de recolher o dormente de uma mó manual em granito – matéria-prima estranha ao local – posta a descoberto por movimentos de terras



Ilustração 50 - Dormente de mó manual em granito no decurso de práticas agrícolas.

A prospecção cuidadosa do local não revelou a presença de quaisquer outros elementos normalmente associados a este tipo de material (pedra polida, cerâmica, etc.).

Assim, a presença do dormente de mó manual, reveste-se de especial importância, principalmente por a mesma não estar associada a qualquer outro elemento que apontasse para uma ocupação neolítica ou calcolítica que, a existir, certamente teria sido detectado na cuidadosa prospecção efectuada. Deste modo, até que novos dados possam surgir, será de admitir que este elemento de moagem seja coevo da ocupação languedocense, o que, nas imediações do Guadiana, não tem carácter excepcional, mas aponta para uma fase mais recente da ocupação.

Efectivamente, “a existência de um Languedocense recente, incluído no conjunto das indústrias de base macrolítica fini e pós-paleolíticas, parece adquirida, nos vales fluviais do interior” (RAPOSO: 1989; 149), nomeadamente no do Guadiana. Basta referir que no habitat de Pipas (Reguengos de Monsaraz), no contexto de uma ocupação dominada pela presença de macro-utensilagem languedocense foi igualmente recolhido um dormente de mó manual e alguns elementos do “pacote” do Neolítico antigo (crescente em sílex, fragmentos cerâmicos, etc.) (SOARES et ali: 1992; 57) e na estação do Xerez de Baixo (Reguengos de Monsaraz), foi também detectada a presença de uma jazida languedocense em aparente associação com um conjunto cerâmico de feição neolítica (RAPOSO et ali: 1989;55).

Assim, numa primeira interpretação, é possível considerar que a ocupação languedocense detectada em Sobro-

so 7 corresponda a uma fase contemporânea dos alvores do Neolítico, o que ajudaria a explicar a sobrevivência do artefacto de osso recolhido em Sobroso 5.

5. Conclusão

Com esta comunicação, mais do que apresentar conclusões – a requererem uma análise exaustiva dos materiais recolhidos, que ainda está por fazer – pretendeu-se dar a conhecer alguns dados e informações sobre uma problemática que levanta ainda hoje mais interrogações do que respostas – as indústrias macrolíticas das margens do Guadiana.

Os sítios referenciados na região vêm, nuns casos, alargar as áreas onde já era conhecida a presença de concentrações de indústrias macrolíticas e, noutros, preencher o vazio existente no conhecimento quanto a este tipo de ocupações.

Os materiais recolhidos confirmam igualmente aquilo que já se sabia – a existência, nestes locais, de materiais paleolíticos misturados com materiais languedocenses, mas distinguindo-se destes não só pela natureza e técnica de talhe, mas também por uma menor frescura das arestas. Confirma-se ainda a predominância de materiais languedocenses,

O que aqui se traz de novo é a possível associação de indústria óssea com materiais líticos languedocenses em Sobroso 5 e a confirmação da existência de um languedocense em momento próximo dos alvores do Neolítico, mas provavelmente anterior, como o atesta a presença de um elemento de moagem em Sobroso 7, sem qualquer outro elemento do chamado “pacote” Neolítico.

Bibliografia:

BARRADAS, L.A. – 1929 – Paleolítico de Elvas, in *O Arqueólogo Português*, XXVII
 BARRADAS, L.A. – 1939 – Estações Paleolíticas do caia Inferior, in *Broteria*, nº 28, pp 215-223
 BORDES, François – 1988 – *Typologie du Paleolithique Ancien et Moyen*.
 BREUIL, Abbé H. – 1917 – Glennes Paléolithiques Anciennes dans le Bassin du Guadiana, in *Anthropologie*, nº 28
 BREUIL, Abbé H. – 1920 – La Station Paléolithique Ancienne d'Arronches, in *O Arqueólogo Português*, XXIV, pp 47-55
 BREUIL, Abbé H. e ZBYSZEWSKI, G. – 1942 - Contribution à l'Étude des Industries Paléolithiques du Portugal et de leurs Rapports avec la Géologie du Quaternaire. Les Principaux Gisements des Deux Rives de L'Ancien Estuaire du Tage, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXIII.
 BREUIL, Abbé H. e ZBYSZEWSKI, G. – 1945 - Contribution à l'Étude des Industries Paléolithiques du Portugal et de leurs Rapports avec la Géologie du Quaternaire. Les Principaux Gisements des Plages Quaternaires du Littoral d'Estremadura et des Terrasses Fluviales de la Basse Vallée du Tage, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXVI.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro – 1993 – O Paleolítico Inferior em Portugal, in *O Quaternário em Portugal, Balanço e Perspectivas*, Lisboa, Colibri, pp 133-146

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro – 2000 – A Indústria Lítica do Casal do Azemel no Contexto da Evolução do Paleolítico Inferior na Ibéria Ocidental, in *Paleolítico da Península Ibérica, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol II, pp 137-159.

DAVEAU, Suzanne – 1993 – Terraços Fluviais e Litorais, in *O Quaternário em Portugal, Balanço e Perspectivas*, Lisboa, Colibri, pp 17-28

FEIO, Mariano e PATRÍCIO, Amílcar – 1945 – Notícia Acerca do Quaternário do Vale do Guadiana, in *Arquivo de Beja*, II, F 1 e 2, pp 43-69.

FEIO, Mariano e PATRÍCIO, Amílcar – 1946 – Os Terraços do Guadiana a Juzante do Rio Ardila, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXVII

JORGE, Vítor Manuel de Oliveira e SERRÃO, Eduardo da Cunha – 1971 – Materiais Líticos da Jazida Pré-Histórica do Porto da Boga (Curso Superior do Rio Caia), in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, pp 79-92.

JORGE, Vítor Manuel de Oliveira – 1972 – Jazidas 1 e 2 do Monte da Faia (Rio Caia, Portalegre). Notícia Preliminar, in *O Arqueólogo Português*, Série 3ª, Vol VI, pp 79-107

LIMA, José Fragoso – 1943 – Da Arqueologia Pré-Histórica. Paleolítico nas Margens do Ardila, in *Jornal de Moura*, 12/6/1943

LIMA, José Fragoso – 1944 – Da Arqueologia Pré-Histórica. Paleolítico da Margem Esquerda do Guadiana, in *Jornal de Moura*, 12/2/1944 e 19/2/1944

LIMA, José Fragoso – 1944a – Distribuição do Paleolítico no Concelho de Moura, in *Jornal de Moura*, 6/9/1944

LIMA, José Fragoso – 1981 – *Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura*, Biblioteca Municipal de Moura.

LIMA, José Fragoso – 1998 – *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura*, Câmara Municipal de Moura.

LOPES, M.C., CARVALHO, P.C. e GOMES, S.M. – 1997 – *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa. Câmara Municipal.

RAPOSO, Luís – 1989 – Mustierense, Mustiero-languedocense ou Languedocense? – in *Livro de homenagem a Jean Roche*, pp 142-150.

RAPOSO, Luís e SILVA, António Carlos – 1981 – A Estação “Languedocense” do Xerez de Baixo (Guadiana), in *Setúbal Arqueológica*, Vol VI/VII, pp 67-84.

RAPOSO, Luís – 1987 – Os Mais Antigos Vestígios de Ocupação Humana paleolítica na Região de Ródão, in *Da Pré-história à História, Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, pp 153-178.

RAPOSO, Luís e SILVA, António Carlos – 1984 – O Languedocense: Ensaio de Caracterização Morfológica e Tipológica, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, nº 2, pp 87-166.

SILVA, António Carlos – 1994 – Problemática das “Indústrias Macrolíticas” do Guadiana. Um Tema a Não Ignorar Para Uma Maior Aproximação ao Estudo do Povoamento Pré-Histórico no Interior Alentejano, in *Arqueologia en el Entorno el Bajo Guadiana*, Huelva, pp 71-89.

SILVA, António Carlos – 2000 – Das Pedras do Xerez às Novas Terras da Luz, in *Memórias d' Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*, Vol 2, Beja, EDIA, Universidade Aberta.

SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares da – 1992 – Para o Conhecimento dos Povoados do Megalitismo de Reguengos, in *Setúbal Arqueológica*, Vol IX,-X, pp 37-88

VIANA, Abel – 1945 – Museu Regional de Beja. Alguns Objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da Época Romana; Cerâmica Argárica; Cerâmica Árabe, in *Arquivo de Beja*, Vol II, Fasc III e IV,

pp 305-339

VIANA, Abel – 1945a – Paleolítico das Margens do Guadiana, in *Arquivo de Beja*, Vol II, Fasc III e IV, pp 356 - 391, Beja

VIANA, Abel – 1946 – Paleolítico das Margens do Guadiana, in *Arquivo de Beja*, Vol III, Fasc III e IV, pp 364 – 411, Beja

VIANA, Abel – 1947 – Paleolítico das Margens do Guadiana, in *Arquivo de Beja*, Vol IV, Fasc I e II, pp 114 – 147, Beja

ZBYSZEWSKI, G. – 1974 – L'Âge de la Pierre Taillée au Portugal, in *Les Dossiers de l'Archéologie*, nº 4, pp 19-29.